

REVUE **SPIRITE** |

Journal d'Études Psychologiques
Fondée par ALLAN KARDEC



Lei divina ou natural **O Bem e o Mal**

Reflexão e Responsabilidade Espírita

Editorial



JUSSARA KORNGOLD
SECRETÁRIA - GERAL DO CEI
ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA



e tantas outras obras que lançaram bases sólidas para o estudo da vida espiritual. A *Revue Spirite*, que ele publicou por doze anos, foi outro instrumento decisivo, abrindo espaço para debates, pesquisas e difusão de ideias que continuam a iluminar consciências. Esses esforços não apenas consolidaram o Espiritismo em seu tempo, mas criaram fundamentos para que sua mensagem se mantivesse viva, mesmo diante das resistências iniciais da sociedade.

Hoje, o Movimento Espírita reflete essa herança com maturidade e diversidade. Centenas de centros, grupos de estudo e iniciativas de caridade atuam em todo o mundo, promovendo o conhecimento, a solidariedade e a integração com a ciência e a educação. Em vários países, vemos uma presença consolidada e ativa, demonstrando que a Doutrina Espírita permanece atual, capaz de dialogar com novos tempos sem perder a essência do ensinamento codificado.

O desafio contemporâneo está em manter a qualidade da divulgação, evitar simplificações que comprometam a profundidade da Doutrina e assegurar que a razão, a lógica e o rigor crítico continuem sendo referências no estudo e na prática espírita. Cada palestra, cada livro, cada gesto de caridade é uma oportunidade de honrar a memória de Kardec, reforçando o compromisso de construir uma sociedade mais justa, esclarecida e fraterna.

Outubro, assim, não é apenas o mês de lembrança, mas um convite à ação consciente. É o momento de reafirmar que o Espiritismo não se limita à preservação do passado, mas se renova em cada ato de estudo, reflexão e amor ao próximo, garantindo que a luz de Allan Kardec continue a guiar o caminho de todos aqueles que buscam compreender a vida em sua dimensão mais profunda.

Em 3 de outubro de 1869, Allan Kardec retornava ao mundo espiritual, deixando um legado que continua a iluminar gerações. Outubro, assim, não é apenas um mês de memória; é um chamado à responsabilidade de cada um de nós na preservação e na divulgação de seus ensinamentos. Mais do que celebrar uma data, somos convidados a refletir sobre o alcance e a profundidade da obra que nos legou, e sobre como continuamos, hoje, a levar a Doutrina Espírita àqueles que buscam compreensão, consolo e elevação.

O legado de Kardec não se restringe a *O Livro dos Espíritos*; inclui *O Livro dos Médiuns*, *O Evangelho segundo o Espiritismo*, *O Céu e o Inferno*, *A Gênese*

Revue Spirite

**Journal d'Études Psychologiques Fondée par ALLAN
KARDEC le 1er janvier 1858**

Propriedade do Conselho Espírita Internacional (CEI)

Logo et Marque Européenne enregistrée à l'**EUIPO** (Office
de l'Union Européenne pour la propriété intellectuelle)

® **Trade mark** 018291313

Marque française déposée à l'**INPI** (Institut National de la
Propriété Intellectuelle) sur le numéro ® 093686835.



Editado por

Federação Espírita Portuguesa

Praceta do Casal Cascais 4, r/c, Alto da Damaia, Lisboa

ISSN 2184-8068

Depósito Legal 403263/15

© **copyright 2020**

Ano 168

Nº21

CEI | Trimestral | Outubro 2025

Distribuição gratuita

Direção (CEI)

Jussara Korngold

Coordenação (FEP)

Vitor Mora Féria

Coordenação Editorial

Sílvia Almeida

Edição e revisão de texto

Cláudia Lucas

José Carlos Almeida

Web

Marcial Barros

Nuno Sequeira

Sandra Sequeira

Arte e design

Sara Barros

revuespirite@cei-spiritistcouncil.com

www.cei-spiritistcouncil.com

Conteúdos

2	Editorial	Jussara Korngold
8	Espiritismo e Ciência	Rejane Planer
32	Espiritismo e Filosofia	Humberto Schubert Coelho
54	Espiritismo e Religião	Jussara Korngold
88	Revisitando a Revista	Cláudia Lucas
104	A Geração Nova	Filipa Ribeiro
126	Palestras Familiares de Além-túmulo Hoje	Espírito Nathanael
136	Plano Histórico	Jussara Korngold
166	Espiritismo e Sociedade	Mário Frigéri
170	Momento Espírita	Redação Momento Espírita
178	Entrevista	Marcial Barros

Equipa

Revue Spirite



Iniciamos, com este Número, o sexto ano de publicação desta nova série da *Revue Spirite*. Com ele, consideramos que se abre um novo ciclo, em que convidamos os nossos autores a dirigirem as suas abordagens e reflexões para o conjunto das Leis Morais, apresentadas pelos Espíritos superiores à Humanidade, na obra fundadora do Espiritismo, *O Livro dos Espíritos*.

Começamos pelo enquadramento do tema, debruçando-nos sobre a Lei Divina ou Natural. Esta lei regula, por um lado, o universo material, com as suas leis, cujo estudo é da alçada da ciência e, por outro, o universo moral. Este sim, composto por leis morais, que dizem respeito especialmente ao homem, à sua alma, às suas relações com Deus e com os seus semelhantes. Dentro delas, deixamos algumas notas sobre o bem e o mal.

Esperamos, ao organizar e reunir os estudos e reflexões aqui apresentados, contribuir para o bem, “tendo em vista o bem e para o bem de todos”¹. Desejamos que seja útil!

1. KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*, Perg. 629-646.

NOTA: Relembramos que optámos por manter a grafia e a construção sintáctica do país de origem dos autores. Assim, o leitor encontrará, nas páginas desta série da *Revue*, artigos cuja redação obedece às normas do Português do Brasil e outros redigidos segundo as regras do Português de Portugal.

HISTÓRIA DA CAPA

O entendimento do mal como ignorância, imperfeição moral ou afastamento da Lei Divina, eliminando a ideia de eternidade no erro.

O Mal é apenas uma etapa transitória no caminho da evolução.

O verdadeiro bem é promover o progresso.

O tempo de Deus tem medidas exatas entre o Bem e o Mal, que o Espírito pode utilizar no seu perfil da existência à medida que evolui.

A nossa escolha de capa reflete a ideia de abandono do erro e aproximação ao Bem; o afastamento da imperfeição até alcançar um estado de pureza.



Compreendamos
que o bem é a
execução da
Lei Divina, a
estabelecer a
felicidade dos outros,
com a mesma
justiça com que a
estabelece para cada
um de nós.
E o mal é a tribulação
que, porventura,
estejamos impondo
à existência do
próximo.*



1



2



3

*XAVIER, F.C. *Busca e acharrás.* (Emmanuel, Espírito)

1. Sara Barros. *State of Purity.* a nossa escolha de capa para o número 21 da *Revue Spirite*.

2. Minnie Zhou, on Unsplash estudos de capa.

3. Priyanka Singh, on Unsplash estudos de capa.

Espiritismo **e Ciência** **face a face**

REJANE PLANER*

A pair of glasses with a globe as a lens, resting on a dark, textured surface. The background is dark and moody, with a textured surface that looks like a book cover or a piece of fabric. The glasses are positioned in the upper left, with the globe lens clearly visible. The text is overlaid on the right side of the image.

Código da **Vida:** A Lei **Natural**



* **Rejane Planer** engenheira eléctrica e nuclear, com formação em física nuclear e mestrado em engenharia nuclear pelo Instituto de Engenharia Militar (IME), Rio de Janeiro, Brasil. Desde 1989, vive e trabalha na Áustria. Aposentada pela Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA), trabalhou durante 27 anos em vários cargos na área da energia nuclear e de segurança nuclear. Escritora e poetisa, contribui com artigos para várias revistas espíritas brasileiras, entre elas: Presença Espírita, Revista Internacional do Espiritismo Internacional, Momento Espírita e O Reformador. É co-fundadora e vice-presidente da Associação de Estudos Espíritas Allan Kardec (Verein für spiritistische Studien Allan Kardec), Viena, Áustria.

Veja: www.rejaneplaner.org



**A lei natural, impressa
na consciência humana,
orienta o discernimento
moral e o progresso
espiritual**

Resumo

A lei natural é um princípio universal que rege tanto o cosmos físico quanto a dimensão ética e espiritual. Partindo das leis físicas, invariáveis e universais, contrapõe-se o desenvolvimento histórico das normas humanas — dos códigos sumérios ao direito romano — até a formulação ética e espiritual presente no Decálogo e na mensagem cristã. A tradição filosófica, de Aristóteles a Tomás de Aquino, é apresentada como fundamentação racional da lei natural, entendida como justiça objetiva e imutável, superior às convenções sociais. As leis da natureza garantem a harmonia do universo, enquanto a lei natural, impressa na consciência humana, orienta o discernimento moral e o progresso espiritual. À luz do Espiritismo, essa lei está inscrita na consciência humana, conduzindo ao progresso pelo exercício da razão, pelo aprimoramento ético e pelo processo reencarnatório. Assim, a lei natural é descrita como “código da vida”, princípio regulador universal que integra ciência, moral e espiritualidade, orientando o ser à harmonia e ao bem comum.

Palavras-chave: lei natural, harmonia, ética-moral, justiça universal, consciência.

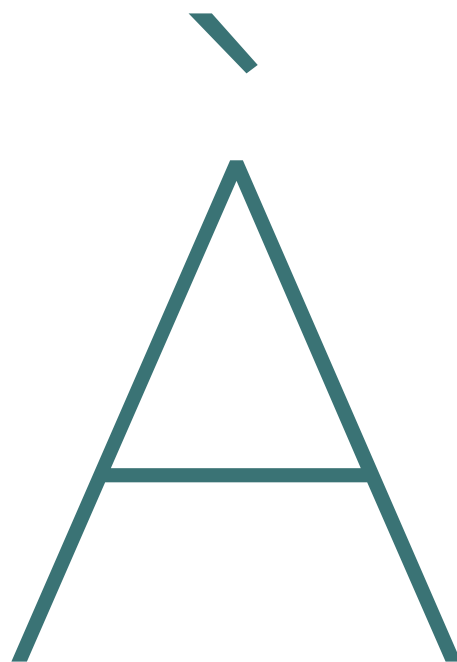


**A lei natural é
descrita como
“código da vida”,
princípio regulador
universal**





**Os habitantes
dos dois lados da
Vida interagem e,
sutilmente ou não,
se influenciam
mutuamente**



noite, quando olhamos para o céu e vemos as estrelas brilharem no infinito, milhares de pontinhos de luz que guardam segredos que não conseguimos desvendar, que brilham à noite e se escondem de dia; percebemos a misteriosa harmonia do universo e entendemos que ali tam-

bém encontramos a marca de Deus – um lembrete aos nossos olhos, para não esquecermos quão ínfimos somos frente à grandeza do universo divino.

No universo existe movimento e vida onde quer que olhemos. Estrelas nascem e morrem, planetas giram em torno delas, formam-se galáxias que parecem interagir entre si, onde buracos negros engolem luz... tudo é movimento harmônico, tudo está em equilíbrio, até aqui nesta nossa turbulenta Terra, onde povos ainda guerreiam e o respeito à vida é quase pontual; podemos ver que a tendência ao equilíbrio predomina no ciclo da vida que inicia e se encerra, para novamente iniciar e prosseguir...

Este equilíbrio dinâmico é estudado pela ciência, que através da observação e experimentação descobre as leis que regem o micro e o macrocosmos, desde o átomo às galáxias, desde a maçã que cai da árvore, ao movimento da nave espacial, ao vídeo na telinha do telefone ou da televisão, ao batimento cardíaco de um sapo ou de um homem. São leis e constantes físicas que a ciência reconhece como sendo de natureza universal: se alguma destas leis mudasse, o universo não seria o mesmo.

A ciência não é estática, ela evolui com descobertas que levam ao desenvolvimento de novas tecnologias e, por vezes, novas leis ou princípios. No século XIX as leis de Newton dominavam a ciência, no século XX surgiu a teoria da relatividade de Einstein que esclareceu a gravidade como função do espaço-tempo e, na mesma época, a mecânica quântica revelou que a luz ora se comporta como uma onda, ora se mostra como um fluxo de partículas - a ideia central da mecânica quântica. A primeira aplica-se ao macrocosmo, a segunda ao microcosmo. Poderíamos dizer que as leis científicas são universais, entretanto, nossa civilização ainda não desvendou todos os mistérios do universo, estas leis explicam os fenômenos que observamos com a tecnologia atual, e na medida que novas tecnologias são descobertas, abre-se o espaço para um olhar mais profundo no macro e no micro cosmos, o horizonte do entendimento amplia-se e a ciência evolui.

Entretanto, as leis físicas aplicam-se ao universo físico, material. As relações entre os seres vivos não estão sujeitos a essas leis. Os seres interagem entre si, relacionam-se e têm uma vida interior, onde o pensamento e a vontade se transmutam em emoções ou em nobres sentimentos de amor e direcionam suas ações. Os habitantes dos dois lados da Vida interagem e, sutilmente ou não, se influenciam mutuamente.



**Leis e constantes
físicas, a ciência
reconhece como
sendo de natureza
universal**





**Pensamentos,
emoções e
sentimentos
são vibrações
que ecoam
no universo
onde tudo é
energia**

Pensamentos, emoções e sentimentos são vibrações que ecoam no universo, onde tudo é energia: a força eletromagnética, a força nuclear fraca e a força nuclear forte, a gravidade e esta força do pensamento, ainda não decidida pela ciência, atua criando, amando, por vezes perturbando e também curando. Kardec expressa claramente este conceito dizendo “quem quer que traga consigo pensamentos de ódio, de inveja, de ciúme, de orgulho, de egoísmo, de animosidade, de cupidez, de falsidade, de hipocrisia, de maledicência, de malevolência, numa palavra, pensamentos hauridos na fonte das más paixões, espalha em torno de si emanções fluidicas enfermizas, que reagem sobre os que o cercam. Ao contrário, numa assembleia em que cada um só trouxesse sentimentos de bondade, de caridade, de humildade, de devotamento desinteressado, de benevolência e de amor ao próximo, o ar é impregnado de emanções salubres, em meio às quais se sente viver mais à vontade.”¹

A evolução do ser humano na Terra é marcada por desafios ambientais que incluem a convivência com animais e as intempéries da natureza e por conflitos e guerras entre os seres humanos. No homem primitivo, que vivia nas cavernas, predominava o instinto de sobrevivência que o impulsionou a lutar pelo espaço e pela vida naquele ambiente hostil. Diante das intempéries da natureza e de animais selvagens, o ser convivia com seus semelhantes, sofria e aprendia. Assim, desenvolveu ferramentas, aprendeu a cultivar alimentos, agrupou-se em comunidades e em cidades cada vez maiores. Instintivamente, o ser procura a paz, entretanto, se suas necessidades básicas ainda não foram resolvidas, o instinto de sobrevivência ativa emoções primárias e leva ao predomínio do ego. O ser humano da atualidade, dito civilizado, enfrenta ainda o seu grande desafio – a luta contra seus instintos primários, que lhe obscura a razão e o discernimento, porque ele ainda não compreende plenamente que vive sob uma lei maior que as leis do direito ou as leis físicas.

1. Kardec, “Atmosfera Espiritual”, 129.

A partir do momento que os seres humanos passaram a viver em grupos ou comunidades, surgiu a necessidade de estabelecer impositivos que regulassem o comportamento social, os quais geraram códigos de conduta para que se preservasse a vida do ser, seja a nível individual, nos grupos, na comunidade, na família e na sociedade, surgindo as disposições do direito – as leis humanas.

Os mais antigos códigos conhecidos foram escritos no idioma sumério ou em acadiano por povos que viviam na Mesopotâmia. O código de Ur-Nammu (c. 2100–2050 a.C.) incluía penalidades para crimes como assassinato, roubo e adultério, as quais variavam de punição física a multas e outras penalizações. Segundo historiadores, este código não é uma lei propriamente dita, mas disposições que se aplicavam a certas situações e eram descritas como 'se isto acontecer [ação] ... estabelece-se isto [uma disposição legal]'. Já o código de Hamurabi (1792–1750 a.C.), escrito 300 anos após, incluía 282 leis sobre economia e comércio, direito de família, direito penal e direito civil. Apesar de incluir a pena de Talião (olho por olho e dente por dente) e outras disposições primitivas, o código de Hamurabi buscava integrar e facilitar a convivência de povos semitas e sumérios que viviam na região e deixaram como legado "uma visão de equidade avançada para a época em que predominava o poder sobre o direito, a supremacia do vencedor sobre o vencido"².

2. Franco, "Estudos espíritas", 87.



**A evolução do ser humano
na Terra é marcada por
desafios ambientais que
incluem a convivência com
animais e as intempéries
da natureza e por conflitos
e guerras entre os seres
humanos**



**A lei natural ou
divina (...) está
impressa na
consciência do
ser**



Mais adiante na linha do tempo surge um outro código ancestral – o decálogo de Moisés³, que de acordo com a Bíblia foi escrito durante o êxodo dos israelitas do Egito, por volta do século XIII ou XV a.C., dependendo das interpretações históricas. A lei mosaica, de caráter moral e ético, inclui preceitos básicos para o relacionamento do ser com Deus e consigo mesmo, e deveres para uma vida social feliz. No âmbito cristão, podemos dizer que Moisés prepara o povo para a chegada de Jesus, o Cristo que viria ensinar uma lei maior, universal e eterna – a lei do amor.

Ao longo da história, outros códigos vieram reger a vida em sociedade em outras partes do globo terrestre. Influenciados por sábios ou profetas, no âmbito religioso ou não, foram instrumento essencial para a formação de impérios e de povos, trazendo ordem onde o caos dominaria. Do Oriente, com Krishna, Sídarta Gautama (o Buda) e Lao-Tsé surgem leis e códigos morais ricos de sabedoria visando a ordem, a justiça e o dever do cidadão. As leis de Manu que surgiram na Índia no primeiro século a.C. fazem parte dos diversos textos jurídicos do hinduísmo que descrevem normas e leis tributárias, regras de guerra, soluções para litígios etc. No Ocidente, surge na Grécia no século VI a.C. as leis Draconianas que eram extremamente severas e punitivas e, no século seguinte (594 a.C.) Sólon, imperador do império bizantino, institui em suas leis reformas humanitárias e uma organização social. As primeiras leis do direito romano surgem com as Doze Tábuas, que tradicionalmente datam de 451–450 a.C. e que reconheciam os direitos da classe patriciana e da família patriarcal, a validade da escravidão por dívidas não pagas e a interferência dos costumes religiosos em casos civis. No século VI d.C., o imperador romano Justiniano elabora o Corpus Juris Civilis, que se tornaria a base do direito europeu.

3. Os dez mandamentos estão registrados nos livros bíblicos: Êxodo 20:2–17 e Deuteronômio 5:6–21, de forma quase idêntica.



by S. Barros. "Code of life", (2025), for Revue Spirite 21

Muitos outros códigos foram desenvolvidos ao longo da história da humanidade, refletindo as tendências éticas e morais dos governantes e da sociedade a que se referem. Segundo a benfeitora espiritual Joanna de Ângelis, os primeiros códigos ou leis já evidenciam "os primeiros sinais de respeito pela vida e pelos seres humanos, embora a dominação arbitrária dos poderosos em trânsito para o túmulo, sempre vitimados pela sombra que neles era a característica essencial."⁴

A conquista da razão é um lento processo em que o ser ganha em conhecimento, o discernimento se apura através do seu exercício e o indivíduo consegue cada vez melhor distinguir o verdadeiro do falso, o Bem do Mal etc. Quando os conceitos morais da sociedade mudam, os valores desta sociedade também se modificam, interferindo na reflexão crítica sobre os compor-

tamentos e hábitos sociais (a ética). Deste modo, quando a moral se aprimora, a ética lhe segue os passos e a sociedade evolui, pois a maioria dos indivíduos que compõem esta sociedade evoluiu. É um processo individual e coletivo de crescimento espiritual.

Impulsionando o ser humano nesta conquista de si mesmo, regendo o tudo e o todo, está a lei natural ou divina que, como os Espíritos da codificação kardequiana esclareceram, está impressa na consciência do ser⁵. É a lei maior que rege o universo e porque de caráter divino, é eterna, justa e amorosa, é a única que direciona o ser para a verdadeira felicidade, pois "indica-lhe o que deve fazer ou deixar de fazer e ele só é infeliz quando dela se afasta."⁶

Aristóteles (384–322 a.C.) foi um dos primeiros filósofos a tratar a lei natural, ao estabelecer a distinção entre



A reencarnação, uma ferramenta e oportunidade de reeducação do ser

o que é “justo por natureza” e o que é “justo por lei”, indicando a existência de uma justiça universal acima das convenções humanas. Outras linhas filosóficas da antiguidade também consideraram a lei natural como a lei suprema, entre elas, citamos os estoicos⁷ que desenvolveram a noção de uma lei da natureza, comum a todos, fundamentada na razão (logos) e o filósofo romano Cícero (106–43 a.C.) que descreveu a lei natural como a “reta razão conforme a natureza”, sublinhando seu caráter eterno e imutável, superior às leis humanas.

Um dos filósofos cristãos que melhor expressou a lei divina no contexto da vida foi Tomás de Aquino (1225-1274), o filósofo e teólogo cristão, italiano da ordem dos Dominicanos, que introduziu a filosofia na fé católica e deu origem a uma filosofia cristã. Para Aquino, “o mundo é governado pela Divina Providência, ou seja,

4. Franco, “Jesus e o Evangelho à luz da Psicologia Profunda”, 17.

5. Kardec, “O Livro dos Espíritos”, perg. 621, 305.

6. Idem, perg. 614, 307.

7. O estoicismo floresceu na Grécia e na Roma antiga e pregava que a prática da virtude era o caminho para a felicidade plena. Sêneca é um dos exemplos de filósofos estoicos. Historiadores consideram o estoicismo um dos fundadores, ao lado de Aristóteles, da ética das virtudes.

8. Dias, "As leis eternas, naturais e humanas segundo Tomás de Aquino". https://www.ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo23/07_DIAS_SOUZA_Revista_Ensaio_Volume_XXIII.pdf

a Inteligência Divina aponta os homens para o seu fim último e faz isso a partir de leis, que existem como em qualquer governo"⁸, deste modo, caracteriza que a natureza é governada pela lei natural e possui uma harmonia intrínseca, também existente no ser humano, que deve ser levada em consideração na elaboração de qualquer lei. Neste contexto, as leis humanas são uma aplicação particular da lei natural e devem servir ao bem comum da comunidade política, sendo como um plano de coordenação que ajuda a sociedade a se desenvolver. Na filosofia de Aquino, autoridades políticas legítimas são aquelas motivadas pelo cuidado com a comunidade e qualquer lei criada a partir de outras motivações é uma forma de injustiça. Aquino também entende que a lei divina é em sua perfeição incognoscível para nós, pois existe na mente de Deus e a lei natural é a inclusão da lei eterna e divina nas criaturas.

Na tradição da teologia moral católica romana, a ética da lei natural sustenta que existem bens humanos fundamentais — como a vida e o conhecimento — que jamais podem ser violados. Essa perspectiva rejeita o consequencialismo (ou seja, se o valor moral de uma ação não está no ato em si, mas nos resultados que ele gera) e destaca a existência de proibições absolutas contra atos que atentem diretamente contra esses bens essenciais, independentemente das consequências que possam advir.

Como conceito filosófico, a lei natural estabelece um sistema de direito ou justiça comum a todos os seres humanos, por ser de origem divina e não sujeito as regras sociais ou à justiça humana. Ela está intrinsecamente ligada à moralidade e à ética, uma vez que determinados princípios morais fazem parte da própria natureza humana e podem ser reconhecidos pela razão.



**Como conceito
filosófico, a lei natural
estabelece um
sistema de direito
ou justiça comum
a todos os seres
humanos**



Quando os conceitos
morais da sociedade
mudam, os valores
desta sociedade
também se
modificam



A busca pela harmonia e bem-estar na sociedade está presente desde os primórdios da civilização, entretanto, os seres humanos se perdem na tortuosa jornada da vida devido ao ego predominante e ao instinto que busca o prazer, o poder e a subjugação. Segundo a benfeitora Joanna de Ângelis, "Moisés houvera estabelecido por inspiração e observação os códigos essenciais ao processo de libertação da sombra e elaborou o Decálogo conduzido pelo Psiquismo Divino, tornando-o indestrutível, paradigma para todas as demais leis, por conter em essência o fundamento do respeito a Deus, à vida, aos seres em geral e a si mesmo em particular."⁹

Todavia, é Jesus, que há pouco mais de 2000 anos, alargou os horizontes da alma ensinando valores transcendentais fundamentados na lei de Amor. Jesus ensinou o valor de perdoar, respeitar, tolerar e amar a si mesmo, perdoando-se e buscando sempre a reparação do mal que foi feito. A máxima de Jesus, que Ele formulou como um dos maiores mandamentos da lei divina é a regra maior de convivência entre os seres vivos: "amar ao próximo como a si mesmo".

9. Franco, "Jesus e o Evangelho à luz da Psicologia Profunda", 16.

Jesus mudou o mundo, mas os seres humanos não mudam em um salto quântico, mas lentamente, através de experiências de erro e acerto, que nos vão guiando lenta, mas seguramente a seguir a lei divina que rege tudo e todos. A reencarnação, uma ferramenta e oportunidade de reeducação do ser, é essencial para a progressão do ser. É a lei natural em ação. É Joanna de Ângelis que esclarece na obra Jesus e o Evangelho que “Ele [Jesus] trazia uma nova versão da realidade, centrada no ser imortal, procedente do mundo espiritual e a ele volvendo, o que alterava a estrutura da justiça, que não mais deveria ser punitiva-destrutiva, mas educativa-reabilitadora.”¹⁰

10 Idem, 17.

A lei natural é o código da vida oferecido por Deus para o progresso de cada ser. Ela rege tudo e todos visando a harmonia universal e está presente em nós – na consciência, pois somos seres da Sua Criação. Seguir a lei, que de fato, é de amor e sublime bondade, é o caminho para a felicidade plena.



A lei natural é o
código da vida
oferecido por Deus
para o **progresso**
de cada ser



Bibliografia

ARMSTRONG, David M. 1983. *What is a law of nature?*. Cambridge: Cambridge University Press.

- *Britannica Encyclopedia*. <https://www.britannica.com>. [Acesso em agosto 2025].

DIAS; SOUZA. (Julho 2021). "As leis eternas, naturais e humanas segundo Tomás de Aquino". *Ensaio Filosóficos*, Volume XXIII. https://www.ensaiofilosoficos.com.br/Artigos/Artigo23/07_DIAS_SOUZA_Revista_Ensaio_Volume_XXIII.pdf. [Acesso em agosto 2025].

FRANCO, Divaldo P. (Joanna de Ângelis, Espírito). 1999. *Estudos espíritas*. Rio de Janeiro: FEB.

FRANCO, Divaldo P. (Joanna de Ângelis, Espírito). 2000. *Jesus e o Evangelho – à luz da psicologia profunda*. Salvador: LEAL.

KANT, Immanuel. 1781/1998. "Critique of pure reason" (P. Guyer & A. W. Wood, Trans. & Eds.). Cambridge: Cambridge University Press.

KARDEC, Allan. 2001. "Atmosfera Espiritual". *Revista Espírita: Jornal de Estudos Psicológicos*. (Maio de 1867). São Paulo: Instituto de Difusão Espírita.

KARDEC, Allan. 1995. *O Livro dos Espíritos*. [Tradução de Guillon Ribeiro]. Brasília: FEB.

MURPHY, Mark. "The Natural Law Tradition in Ethics". *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Summer 2025 Edition), Edward N. Zalta & Uri Nodelman (eds.). <https://plato.stanford.edu/archives/sum2025/entries/natural-law-ethics/>. [Acesso em agosto 2025].



**Quando a moral
se aprimora, a
ética lhe segue
os passos e
a sociedade
evolui**



Espiritismo & **Filosofia**



* **Humberto Schubert Coelho**
professor de filosofia da UFJF
(Universidade Federal de Juiz
de Fora – Brasil). Trabalhador da
Sociedade Espírita Primavera e
da Federação Espírita Brasileira.

HUMBERTO SCHUBERT COELHO*

Sorja e mais Comuns na Divul gação do Espiritismo

Resumo

Inequivocamente, o erro mais comum e mais grave que se pode cometer depois da mentira é o erro lógico, isto é, a falácia. As falácias são descuidos de coerência argumentativa cometidos por absolutamente todas as pessoas. São, portanto, um problema, mas um problema que afeta todos os discursos, de modo que não seria justo acusar uma pessoa de ser falaciosa; é o argumento que está errado. No entanto, além do descuido, a falácia também revela um problema que está na fronteira entre a moralidade e a inteligência: a desonestidade intelectual. Cometida quase sempre sem intenção, a desonestidade intelectual decorre de falta de educação crítica. Neste texto, mostrarei algumas das falácias mais comumente usadas, mostrando como aparecem no discurso espírita e o dano que isso pode causar à percepção pública do espiritismo.

Palavras-chave: lógica, discurso, divulgação do espiritismo, falácias.

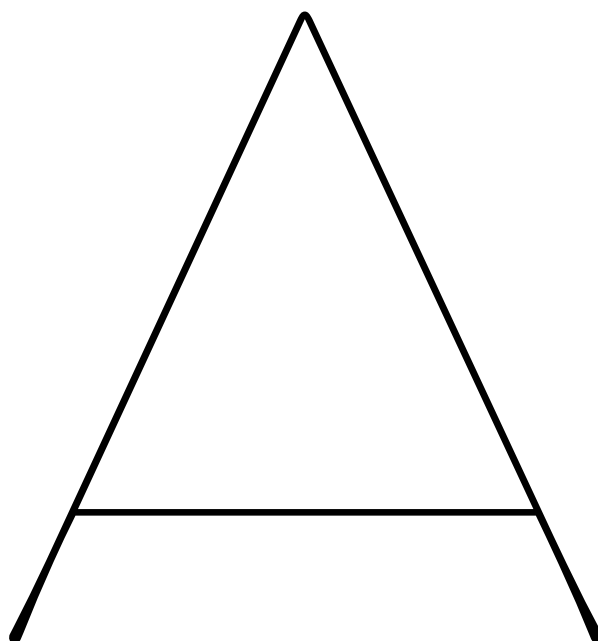


Assuntos sérios
nunca são decididos
com base em
opiniões



As falácias são
descuidos de coerência
argumentativa cometidos
por absolutamente
todas as pessoas





verdade é algo que se busca através da lógica, do uso da razão e da observação paciente. A lógica é a parte mais simples do exercício de aperfeiçoamento das ideias, podendo ser facilmente formalizada. O raciocínio crítico e a observação dos fatos exigem, cada um, uma educação específica e difícil de ser resumida, mas a lógica, sendo a perfeição da forma, é inequívoca.

No estudo da divulgação do espiritismo, os fatos e o raciocínio crítico podem exigir maiores esforços, mas o uso da lógica deve ser um pré-requisito, pois sua falta produziria precisamente o estado de coisas mais indesejável, o de uma decadência da qualidade e do caráter de racionalidade do discurso espírita. A decadência intelectual e discursiva, quando ocorre, tem como resultado a falta de convicção dos jovens e daqueles aos quais se apresenta o espiritismo pela primeira vez, pois os expositores, incorrendo em frequentes contradições e esposando inverdades, desautorizam o próprio ensino.

Nasci em um ambiente no qual se observava uma piora da literatura e do discurso espírita, então nunca tive a impressão de que essa era uma crítica pessoal. De fato, ao conhecer os escritos das duas ou três primeiras gerações de espíritas, tive a impressão de que a qualidade e o rigor desses escritos eram incomparavelmente maiores que os das gerações recentes. Essa impressão pessoal se tornou uma certeza quando fui educado sobre a existência e funcionamento das falácias lógicas, pois passei a observar grande número delas no discurso espírita do último meio século.

Não entrarei nos méritos histórico-culturais dessa decadência intelectual, atendo-me objetivamente ao que pode ser detectado em uma palestra ou texto padrão produzidos pela cultura espírita de nossa época.

Objetivo desse diagnóstico é o de promover o bem, o conhecimento e, ultimamente, a verdade entre as comunidades de praticantes do espiritismo, pois erros lógicos que se consolidam como hábitos aceitos acabam por desmoralizar os princípios que pretendemos defender.

Assim sendo, atendo-me, aqui, ao estudo dos erros lógicos mais comuns do discurso espírita. Erros lógicos produzem mais enganos do que falsas observações – no geral, infelizmente, seres humanos não chegam a fazer observações cuidadosas da realidade e não baseiam nelas as suas opiniões. Para a nossa sorte, grandes pensadores detectaram as formas mais típicas de incorreções do pensamento, nomeando-as como *falácias*, que são, portanto, padrões ou tipos comuns de erros lógicos.





Erros lógicos
que se consolidam como
hábitos aceitos
acabam por desmoralizar os
princípios que pretendemos
defender



Erros lógicos
produzem mais
enganos do que falsas
observações

Para propósitos meramente didáticos, dividi as falácias que mais aparecem no discurso espírita em três classes: a das elementares, que consistem em erros muito grosseiros e que um pouco de cuidado e educação diminuem; a das intermediárias, ainda relativamente elementares, mas que acabam aparecendo mais ou se tornando mais graves com o aumento da educação crítica do palestrante; e as sofisticadas, que seriam aquelas tão sutis que são quase impossíveis de se evitar.

As falácias elementares seriam aquelas das quais podemos escapar através de dois expedientes simples: educação autocrítica e *cuidado ao falar*. Felizmente, educação crítica e autocrítica é uma prática fundamental da cultura e da prática espírita, mas, infelizmente, descuido ao falar é o vício mais comum desse mesmo grupo. Via de regra, o bom palestrante é aquele que menos cuidado tem ao falar, pois assim falará mais "espontaneamente", o que será visto como mais verdadeiro. Por essa mesma razão, as falácias mais elementares serão justamente as que mais aparecem no discurso e na literatura espírita, ao passo que as mais sofisticadas, justamente por exigirem maior esforço argumentativo, acabam por ser menos frequentes.

Em uma situação ideal, a comunidade exigiria argumentos que justificassem as afirmações e posições dos falantes/escritores, e essa exigência nos faria migrar das falácias elementares, que refletem preguiça mental, para as falácias sofisticadas, que refletem erros sutis em meio a uma tentativa sincera de argumentação.

A mais perturbadora das falácias empregadas por espíritas é necessariamente a mais usada: a *falácia do apelo à emoção*. Através dela, o palestrante ou autor se furta de explicações e argumentos apelando para as emoções do ouvinte ou do leitor, no intuito de o enredar passionalmente em favor da conclusão pretendida. Praticamente confundindo-se com boa oratória, garantindo ao falante a preferência do público, o apelo à emoção subverte o propósito edificante, educativo e moralizador do ensino espiritual, pois substitui o argumento que convence e esclarece por um constante artifício de cooptação psicológica. Em termos simples, fala-se aquilo que o público mais deseja ouvir, de forma a sensibilizar e apelar para o lado instintivo e não para o racional. Este recurso também se revela pelo método narrativo ao invés do argumentativo, isto é, evita-se ao máximo o uso da lógica e as explicações claras sobre os porquês das coisas – com grande frequência criticando-se a lógica e a racionalidade como “frias” e até perigosas, o que vem a ser um tipo de anti-intelectualismo –, preferindo-se antes a contação de casos emocionantes, muitas vezes apelativos, para que o público não tenha defesas emocionais ao que é dito.

Certamente, um discurso mais pautado pela inteligência emocional pode ser ele mesmo lógico, sem que seu conteúdo seja enfadonho ou técnico, levando o ouvinte a uma elevação sentimental legítima. Esse recurso foi abundantemente empregado por Jesus, por exemplo, que tecia quadros simbólicos ou verídicos, poéticos ou proféticos, mas nem por isso frívolos ou desprovidos de coerência e racionalidade.



Confundindo-se com boa
oratória, garantindo ao
falante a preferência do
público, o apelo à emoção
subverte o propósito
edificante, educativo e
moralizador do ensino
espiritual



O remédio para o dogmatismo simplório é lembrar à pessoa que a busca da verdade é mais importante que a afirmação dogmática de suas crenças e convicções

A segunda falácia mais frequente no púlpito espírita parece ser a *ipse dixit*, através da qual se afirma “é por que é”, “é claro que é assim”, sendo, portanto, a expressão do dogmatismo puro e simples. Como tal, merece pouco da nossa atenção, pois é patente a irracionalidade de uma afirmação que rejeita a prova por evidências ou argumentos. Ainda assim, é erro no qual seres humanos incorrem o tempo todo, pretendendo vencer pela insistência, pelo grito ou pela pura convicção pessoal. O remédio para o dogmatismo simplório é lembrar à pessoa que a busca da verdade é mais importante que a afirmação dogmática de suas crenças e convicções.

Afirmações dogmáticas, desacompanhadas de provas, podem se repetir exaustivamente até que o público as acate por automatismo. Este é o caso das falácias *ad nauseam*, nas quais se repete algo até o ouvinte enjoar, e, com sorte, aceitar a afirmação. Não oferecerei exemplos deste que penso ser um dos mais frequentes e desgastantes recursos da oratória de quase todas as pessoas que se prestam a falar em público. Como observou Aristóteles em sua Retórica, o discurso cotidiano vence pelo cansaço, e são poucos os que imparcial e rigorosamente tentam justificar o que afirmam. Ao lado do dogmatismo puro e simples do *ipse dixit*, repetições *ad nauseam* realmente nauseiam e não tornam um discurso mais persuasivo.

Bem próxima às anteriores está a falácia do *direito de opinião*, através da qual o falante recusa qualquer contra-argumento alegando ter direito a uma opinião divergente. É lamentavelmente comum no discurso espírita que o falante acrescente a alguma afirmação sem provas “esta é minha opinião”, ciente de que esse suposto direito coloca sobre os divergentes uma pecha negativa, como se os discordantes fossem injustos, autoritários ou abusivos, e não permitissem o direito de opinião. Ocorre, no entanto, que assuntos sérios nunca são decididos com base em opiniões, e aqueles que recorrem a essa falácia não apenas cometem erro lógico como também moral, rebaixando as questões graves ao terreno do gosto ou da opinião pessoal, o que é uma irresponsabilidade.

Talvez a mais discutida falácia seja a do tipo *ad hominem*, que desqualifica a pessoa para não ter que enfrentar o argumento. Nós a encontramos com grande frequência no meio espírita em relação a outras religiões e credos, às vezes em relação a uma postura política contrária à do falante, quando, por exemplo, basta dizer que este ou aquele sujeito é católico ou xamanista, de esquerda ou de direita, para invalidar seu discurso. Na verdade, não apenas a acusação não invalida discurso algum como revela preconceitos por parte do falante. Afirmar que fulano esteja errado apenas apontando suas filiações políticas ou religiosas não muda os méritos dos argumentos. Ademais, é uma espécie de covardia acusar e atacar a pessoa para fugir dos argumentos por ela apresentados.

Derivada da *ad hominem* é a *falácia da motivação*, que recusa uma conclusão com base apenas em um juízo sobre as motivações daquele que as apresenta. Por exemplo, o fato de alguém lucrar com uma ideia não significa necessariamente que a ideia esteja errada, ou que a pessoa a defenda *apenas* porque obtém algum lucro com ela. Sim, é fato que essa motivação levanta suspeita sobre a possível distorção do argumento, mas o argumento continua a ter méritos próprios, independentemente das motivações do falante.



Jesus tecia quadros
simbólicos ou verídicos,
poéticos ou proféticos,
mas nem por isso frívolos
ou desprovidos de
coerência e racionalidade



Leituras superficiais
de situações
complicadas podem
também favorecer
vieses de
comprovação de
determinadas ideias
pré-concebidas

A *generalização apressada* é também uma das falácias bem conhecidas e discutidas fora dos ambientes filosóficos. Ela ocorre quando o falante ingenuamente conclui algo genérico a partir de suas observações. No ambiente espírita, o uso dessa falácia cresceu nas últimas décadas acompanhando a tendência para discursos cada vez mais opinativos e baseados em percepções e experiências pessoais, e não em estudos sérios. Tornaram-se lugar comum expressões como "vejo muito no meu consultório", "hoje em dia se observa nos jovens"... No geral, as afirmações que acompanham esses comentários introdutórios não possuem ligação necessária com todas as pessoas, todos os jovens ou todos os X, para qualquer X. São observações que refletem algumas experiências, que podem ser altamente condicionadas e enviesadas, já que meus pacientes, meus alunos ou meus parentes evidentemente estão em uma fatia da sociedade humana, e pode ser que seus comportamentos sejam muito semelhantes apenas por estarem todos nessa mesma fatia da realidade humana, que é muito mais complexa.

Leituras superficiais de situações complicadas podem também favorecer *vieses de comprovação* de determinadas ideias pré-concebidas. Do fato de a comunidade dos praticantes do espiritismo estar envelhecendo rapidamente conclui-se, com certeza, que há uma incapacidade de educar e engajar as gerações mais novas, mas a questão é tão complexa que pode envolver uma dúzia de causas, e seria desonesto ou imaturo quem apontasse – coisa que se vê fazer com certa frequência – uma única causa como justificativa do fato. Muito provavelmente, aqueles que o fizerem terão o olhar condicionado por alguma preferência, uma experiência limitada ou um preconceito.

É possível, por exemplo, que a mudança cultural, econômica ou do cenário político tenha importância maior sobre o desinteresse dos jovens nas atividades espíritas do que a falha das gerações anteriores na formação e educação desses jovens. A atitude correta seria uma análise que envolve todos os fatores, e que inclua humildemente até mesmo a possibilidade de fatores desconhecidos desempenharem algum papel nesse fenômeno.

Outra falácia que se ouve *ad nauseam* é a do *espantinho*, através da qual o expositor espírita diminui, zomba e rebaixa algum adversário, com o objetivo de não precisar rebater seus argumentos.

Os alvos preferenciais da falácia do espantinho costumam ser os materialistas, dos quais se diz que são egoístas, que não têm suficiente evolução espiritual e, conseqüentemente, estão errados. Embora essas afirmações sejam verdadeiras para alguns casos, certamente não descreverão adequadamente todos os casos, como os de cientistas ou humanistas que são também adeptos do materialismo filosófico. Assim, a depreciação genérica de materialistas como pessoas ruins, ignorantes ou sem consciência reflete, na verdade, uma pressuposição intelectualmente desonesta de que essas pessoas não seriam qualificadas para opinar sobre questões espirituais.



A falácia também revela
um problema que está
na **fronteira** entre a
moralidade e a inteligência:
a desonestidade intelectual



Cometida quase
sempre sem intenção, a
desonestidade intelectual
decorre de falta de
educação crítica

Embora possam ocorrer também por ignorância ou ingenuidade, de boa fé, a desqualificação e o rebaixamento do oponente são as mais comuns estratégias de *desonestidade intelectual*, pois objetivam vetar o adversário ao invés de debater com ele pontos polêmicos, o que poderia acabar criando dificuldades *para mim*. Foi exatamente por causa dessas atitudes que Sócrates, ao fundar a filosofia, associou a busca metódica pela verdade a uma atitude moral, de honestidade da pesquisa e da exposição, isto é, de uma investigação que questione minhas crenças e preconceitos tanto quanto os de meus adversários. Esta postura, concluiu Sócrates, é difícil de se obter e sustentar, sendo a esmagadora maioria dos discursos pautados pelos preconceitos, crenças e interesses pessoais ou de grupo, ao que ele qualifica como uma desonestidade intelectual ou despreparo para a busca da verdade. Assim, segundo Sócrates – ou Platão, ou Aristóteles –, nosso estado normal de pensamento seria o desonesto, sendo a ascensão para a perfeita dignidade do discurso uma das mais difíceis e elevadas missões do homem na Terra. Portanto, enquanto debatedor honesto, devo anular a falácia do espantalho usando a virtude que lhe é oposta: o princípio da caridade, isto é, apresentar o argumento do adversário em sua melhor versão, da maneira mais justa e completa possível e, então, *entrar no debate*. Fugir ao debate é sempre uma fuga da razão, e o caminho certo do obscurantismo e da ignorância.

Encerro aqui a lista das falácias mais elementares, embora alguns lógicos incluam nessa lista as próximas duas a serem discutidas (*ad ignorantiam* e *post hoc ergo propter hoc*). O motivo de eu não as incluir entre as falácias elementares mais frequentes em discursos espíritas tem a ver com a impressão de que não são assim tão frequentes, e que, ao menos em parte, não são frequentes por não serem tão elementares, refletindo maior sofisticação intelectual do palestrante.

Ad ignorantiam, ou apelo à ignorância é o uso da ignorância como argumento. Dito dessa forma, seria difícil que alguém incorresse em tal erro, mas, na maioria das vezes, é usada com boa fé para enfatizar que o conhecimento possui limites (o que é uma verdade e deve ser observado em uma discussão racional). Portanto, a sofisticação nesse tipo de falácia está no fato de que a boa educação nos leva a observar mais cuidadosamente os limites do conhecimento, e que afirmações ou crenças não podem ser rechaçadas dogmática e automaticamente apenas por carecerem de provas. Afinal, muitas das crenças de que a sociedade depende carecem de provas sólidas. Assim, o expositor espírita que enfatiza que “ninguém pode provar que Deus não existe”, afirma uma verdade, mas, ao mesmo tempo, falhou em discutir racionalmente a questão da existência de Deus. Temos literatura mais que suficiente tratando dos argumentos que sugerem a existência de Deus para que a esmagadora maioria dos expositores insistam em uma falácia que se alimenta da timidez e da falta de argumentos diante do ateísmo e do materialismo.

Post hoc ergo propter hoc (se veio depois disso, foi causado por isso) é um tipo de falácia que também exige um raciocínio prévio razoável, pois, numerosas vezes, o que antecede realmente anuncia ou causa o que sucede. É verdade que a causa de algum evento antecede este evento, mas muitas outras coisas podem anteceder um evento sem ter ligação alguma com suas causas. Imagine-se uma sala de aula de onde se ouve uma sirene industrial dois minutos antes do intervalo. A sirene é ativada pela fábrica ao lado, e seu propósito é regular os turnos de trabalho de seus funcionários. No entanto, uma criança da escola pode imaginar – inferir de forma errônea – que a sirene está regulada para anunciar o intervalo da merenda. Embora haja uma forte correlação entre a sirene e o horário do intervalo escolar, embora essa correlação seja confiável, permitindo aos estudantes saberem que faltam dois minutos para o intervalo, não há ligação intrínseca entre os dois eventos, e, mais importante ainda, não há relação causal entre eles: a sirene não produz e não anuncia o intervalo escolar.



A lógica,
sendo a perfeição
da forma, é
inequívoca





Fugir ao **debate**
é sempre uma
fuga da razão, e o
caminho certo do
obscurantismo e da
ignorância

Há também falácias que, de tão sutis, são muito difíceis de detectar, sendo também muito difícil que nos eduquemos para as evitar. Nos casos das falácias mais sofisticadas a seguir, portanto, é improvável que mesmo a atenção e o melhor preparo as eliminem.

A primeira das falácias sofisticadas quase se confunde com um recurso retórico de desviar a atenção do ouvinte para o significado pretendido pelo falante. Trata-se da falácia das ênfases, na qual a conotação direciona – e, muitas vezes, deturpa – o sentido de uma frase dita ou interpretada pelo falante. Por exemplo, na frase “Moisés recebeu os mandamentos de Deus”, o falante pode desviar a atenção do público para a conotação pretendida apenas enfatizando determinada palavra. Se o falante diz “**Moisés** recebeu os mandamentos de Deus”, enfatiza a importância de Moisés, ou insinua que apenas ele poderia ter protagonizado esse episódio histórico; se diz “Moisés **recebeu** os mandamentos de Deus”, enfatiza que Moisés não criou ou concebeu os mandamentos, mas os recebeu tal como são; se diz “Moisés recebeu os **mandamentos** de Deus”, enfatiza que o profeta pode não ter necessariamente merecido outras revelações ou outros benefícios de Deus além desse, e assim por diante.

A *anfibia* é bem conhecida dos espíritas, tendo sido diretamente tratada por Kardec na introdução de *O Livro dos Espíritos*. É o fenômeno de se confundir o significado de uma palavra por culpa da variedade de significados que a própria palavra comporta. Kardec observou ser esta uma das razões pelas quais deveríamos desenvolver novos conceitos e termos, evitando usar outros viciados pelo uso comum ou da teologia. Por exemplo, na frase “João encontrou Marta em sua casa”, a casa é de quem, João ou Marta? A ambiguidade ocorre porque a palavra “sua” podia referir tanto a casa de João quanto a de Marta. Se digo “podes partir, vou ficar com a tua bolsa”, quis dizer que vou ficar ali mesmo esperando ou vou reter comigo a bolsa, levá-la comigo e depois devolver? Por esta exata razão, o expositor espírita deve se precaver de usos descuidados de palavras como alma, ectoplasma, médium, mediunidade, espírito, personalidade, consciência, morte, perispírito, vida, evolução, felicidade – evitarei alongar a lista *ad infinitum*.

O problema da anfibia é a ambiguidade, mas há casos nos quais a ambiguidade é fácil de se resolver, e esses podem refletir mais malícia que falta de atenção. Por isso, há quem prefira separar da anfibia (confusão fundamentalmente semântica que deriva da natureza da palavra) uma derivação, a falácia da ambiguidade, na qual a confusão pode ser pretendida pelo falante. Nas áreas humanísticas das universidades, discute-se muito o que Hegel teria pretendido ao falar do “fim da história”. Seria o fim no sentido de término ou de finalidade? Uma vez que a compreensão dessa questão exige vários anos de estudo, poucos chegam a confirmar que ele fala da finalidade. Contudo, o significado aparente para qualquer um que não investiu esses vários anos no estudo do idealismo é o oposto: que Hegel estaria falando da conclusão ou do desfecho da história do espírito. Embora os raríssimos especialistas em idealismo insistam no primeiro significado, a esmagadora maioria dos intérpretes aponta para o segundo, pois é desconfortável admitir que o que parece não é.



A ascensão
para a perfeita
dignidade do
discurso é uma
das mais difíceis e
elevadas missões do
homem na Terra



A decadência intelectual e discursiva, quando ocorre, tem como resultado a falta de convicção dos jovens e daqueles aos quais se apresenta **o espiritismo** pela primeira vez

Entre os expositores mais acadêmicos, um dos mais comuns erros não está associado à lógica básica, e sim à visão de mundo mais pessimista ou trágica, ou a uma forma dramática de se expressar. É o caso da falácia da rampa escorregadia, que recebe seu nome da ideia intuitiva de que um escorregão em uma rampa gera um acidente trágico. Por exemplo, "se um idoso escorrega daquela rampa já era" ou "se alguém escorrega dali quebrará a perna, no mínimo".

Essa falácia expressa certo pessimismo ou catastrofismo, mas a verdade é que não há como saber quais as exatas consequências da queda. É possível que não aconteça nada grave e a pessoa se levante; é possível que de cada cem pessoas que escorregue, apenas quatro sofram acidentes graves, e noventa e seis saiam sem ferimentos.

No entanto, a falácia da rampa escorregadia joga com nossos preconceitos, vieses e medos, intensificando-os. São exemplos cotidianos de pessimismo ou paranoia frases como: "se tal candidato ganhar a eleição, será o fim do mundo", "se liberarem a maconha, isso conduzirá a outras drogas, e todos se tornarão viciados". Embora seja verdade que há candidatos muito ruins e que a maconha produz graves danos à saúde mental, não é inevitável que o mundo acabará por causa de uma eleição ou que todos se tornarão usuários de maconha quando ela for liberada. Esses pensamentos ignoram a complexidade das questões envolvidas: que um país é mais do que o presidente, ou mesmo o governo; que nem todos querem fumar maconha, e que há várias razões para se adquirir um vício, sendo a legalidade ou a disponibilidade do produto apenas uma delas.

Isso não quer dizer, evidentemente, que deveríamos votar em um péssimo candidato a presidente, ou que seja ético apoiar a legalização de uma droga danosa para o cérebro, mas a validade dessas conclusões não justifica o exagero e as incorreções *formais* das argumentações anteriores.

Expositores que gostam de apontar estudos científicos muitas vezes cometem falácias de *falsa analogia* ou de *supressão de evidência*. Nas últimas, seleciona-se a evidência científica favorável à conclusão do falante, eliminando os estudos desfavoráveis; nas primeiras, criam-se falsas analogias entre situações ou processos completamente diferentes. O caso mais comum é o do charlatanismo quântico, que infesta todos os meios espiritualistas e esotéricos de nosso tempo. Com base em processos reais de funcionamento da natureza, descritos pela mecânica quântica, criam-se analogias que vão desde a cura do corpo a mudanças de personalidade, sem que haja razão alguma para supor que tais analogias possam valer no mundo real.

Por fim, uma coisa que costuma escapar aos neófitos do estudo das falácias é o fato de que cometer erros lógicos não significa que o falante que os comete esteja errado. Principalmente, não significa também que o falante esteja sempre errado, embora ele possa estar errado em relação a algumas coisas ou ter formulado argumentos incorretos. Essa suposição muitas vezes recai no *apelo à falácia*, que é a falácia da falácia, ou seja, concluir que, devido a um argumento errado e falacioso, a conclusão do argumento seja inválida ou falsa. É perfeitamente possível que uma pessoa argumente mal, que cometa muitos erros, mas que aquilo que ela defende seja verdadeiro, moralmente bom e assim por diante. Aliás, o motivo pelo qual permanecemos espíritas após ouvirmos tantas formulações ilógicas e inválidas é que estamos convencidos de que, apesar delas, aquilo que os expositores defendem é verdadeiro ou está próximo da verdade. Também é o motivo pelo qual somos moralmente condescendentes com más exposições. Estamos convencidos de que por trás delas há boas intenções, que podem estar intuitivamente corretas ou apenas reproduzir uma tradição de estudos mais sérios, embora o expositor não esteja à altura da tarefa.



A lógica é a parte
mais simples
do exercício de
aperfeiçoamento
das ideias

Fé Inabalável

Espiritismo & Religião



O Bem e o Mal **sofres**



***Jussara Korngold** é Secretária Geral do Conselho Espírita Internacional, ex-Presidente e atual Vice-Presidente da Federação Espírita dos Estados Unidos. Fundadora e presidente do Grupo Espírita de Nova Iorque. Palestrante, escritora e tradutora espírita.



**Bem-aventurados
os aflitos, o reino
dos Céus lhes
pertence**



**Despertar a
essência divina
adormecida no
coração**

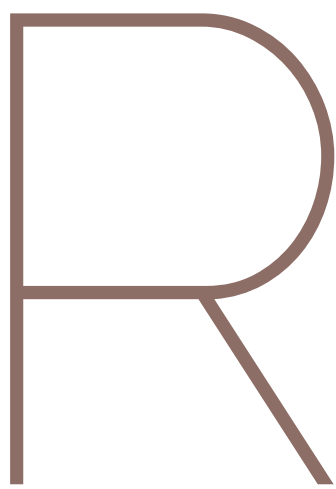
Resumo

Bem e Mal Sofrer é uma reflexão sobre o papel da dor e do sofrimento na jornada evolutiva do ser humano. O texto convida à compreensão de que o sofrimento não é um fim em si mesmo, mas uma ferramenta educativa que pode ser transformada em luz quando acolhida com fé, paciência e resignação. Explora como a postura íntima diante das provações — entre revolta e aceitação — define se elas se tornam prisões de amargura ou degraus para a elevação espiritual. Ao abordar a importância de alinhar pensamentos e atos com as leis divinas, o texto inspira a buscar a harmonia interior e a enxergar na dor a oportunidade de despertar a essência divina adormecida no coração.

Palavras-chave: bem e mal sofrer, Dor e sofrimento, Espiritismo, Evolução espiritual, Resiliência, Fé e aceitação



**Muitos retiram do
sofrimento o óleo da
paciência, com que
acendem a luz para
vencer as próprias
trevas**



eferindo-nos a uma passagem de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, Allan Kardec, capítulo 5, encontramos no item 18 um texto do Espírito Lacordaire a respeito do bem e mal sofrer. Ele cita uma das bem-aventuranças de Jesus, “Bem-aventurados os aflitos, o reino dos Céus lhes pertence”, esclarecendo que para que possamos conquistar esta posição de bem-aventurança, não basta apenas sofrer, é preciso saber sofrer. Necessitamos, nos momentos de dor, desafios e provações, demonstrar nossa verdadeira fé em Deus. Para Lacordaire a fala de Jesus, “Bem-aventurados os aflitos” pode então traduzir-se assim: “Bem-aventurados os que têm ocasião de provar sua fé, sua firmeza, sua perseverança e sua submissão à vontade de Deus, porque terão centuplicada a alegria que lhes falta na Terra, porque depois do labor virá o repouso.”

Mas como podemos conquistar esta fé? Como poderemos nos momentos de extrema adversidade aproveitar o concurso da dor, convertendo-a em roteiro de luz?

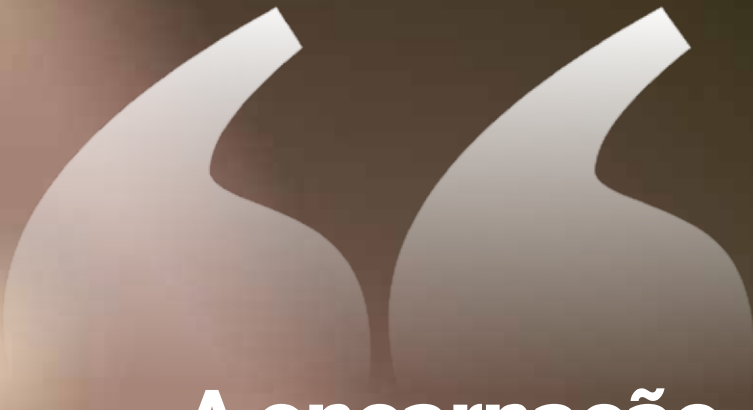
Nossa tendência ainda é nos colocarmos na posição de vítimas do destino, e, tão naturalmente este estado se instala em nós, que paradoxalmente resistimos e até nos autossabotamos quando oportunidades de melhoras nos são apresentadas. Rendemo-nos ao pessimismo. Não são poucos aqueles que comentando sobre suas experiências nos dizem, "Ah, a vida é assim mesmo, o sofrimento faz parte."

Será mesmo que foi para isso que Deus nos criou?

Encontramos em *O Livro dos Espíritos*, no item 132, a seguinte pergunta : "Qual o objetivo da encarnação dos Espíritos?" Estes respondem que essencialmente aqui reencarnamos para chegarmos à perfeição, para expiação e para cumprirmos uma missão. Acrescentam que "A encarnação tem ainda outra finalidade: a de pôr o Espírito em condições de cumprir sua parte na obra da Criação. Para executá-la é que, em cada mundo, ele toma um instrumento em harmonia com a matéria essencial desse mundo, a fim de nele cumprir, daquele ponto de vista, as ordens de Deus. É dessa forma que, concorrendo para a obra geral, o espírito se adianta."

Conforme podemos concluir pela colocação acima, o objetivo principal é o de enobrecer nossos espíritos, através de vivências que vão contribuir para mais rapidamente podermos despertar em nós a essência divina.

Léon Denis nos diz na obra *O problema do ser, do destino e da dor* que "a dor será necessária enquanto o ser humano não tiver posto o seu pensamento e os seus atos de acordo com as leis eternas; deixará de se fazer sentir logo que se fizer a harmonia. Todos os nossos males provêm de agirmos num sentido oposto à corrente divina; se tornarmos a entrar nessa corrente, a dor desaparece com as causas que a fizeram nascer" (Denis 2011, 286).



**A encarnação
tem ainda outra
finalidade: a de
pôr o Espírito em
condições de cumprir
sua parte na obra da
Criação**



**Não basta
apenas
sofrer, é
preciso
saber sofrer**



O destino, em virtude de ser ilimitado, prepara-nos possibilidades sempre novas de melhoramento

Mas sabemos o quão difícil ainda é para nós existirmos em total consonância com a lei Divina. O que podemos fazer, por hora, é um trabalho interno de reduzirmos nosso orgulho e egoísmo para que nosso pensamento não se desvie tanto dos ideais elevados.

Quando a dor nos visitar podemos seguir por um destes dois caminhos, o da responsabilidade ou o da revolta. O caminho da responsabilidade implica tomarmos consciência de nossas ações, compreendendo que ela muitas vezes se apresenta para nos livrarmos de seguir por caminhos ainda mais tortuosos. Tomemos como exemplo a posição do pastor que, ao cuidar de suas ovelhas, muitas vezes se vê obrigado a utilizar o seu cajado para que a elas não sigam em direção ao precipício ou outros caminhos perigosos. Assim age Deus conosco, pois ao cuidar com infinito amor de cada ser de seu rebanho permite que situações da vida evitem que compliquemos ainda mais nossa jornada.

Infelizmente, muitos de nós escolhem o segundo caminho, que é o da revolta. Brigamos com Deus e o mundo por não aceitarmos que nossas provas decorrem de nossas ações. É quando o orgulho se faz presente e iniciamos uma jornada pelo ciclo de aceitação estabelecido pela psiquiatra suíça Elizabeth Kübler-Ross (1926 – 2004), também conhecido como o ciclo do luto. São eles a negação, quando não aceitamos que o fato possa estar ocorrendo conosco, a raiva, quando expressamos a nossa revolta e descrença, a barganha, quando iniciamos uma série de negociações conosco mesmos e com Deus, através de promessas vazias, a depressão, quando notamos que esta revolta é inútil e nos colocamos na posição de injustiçados e, finalmente, a aceitação, quando a lição é apreendida e compreendemos que temos que encontrar soluções e seguir adiante perante os fatos da vida.



O sofrimento é apenas um corretivo aos nossos abusos, aos nossos erros

A estória do carvalho e dos juncos nos ensina muito sobre as nossas posturas diante da vida: Um carvalho muito grande foi arrancado pelo vento e jogado em um córrego. Ele caiu entre alguns juncos, e perguntou a eles: "Fico curioso em saber como vocês, que são tão leves e fracos, não são totalmente esmagados por estes fortes ventos." Eles responderam: "Você luta com o vento e conseqüentemente é destruído, enquanto nós, ao contrário, nos dobramos ao sinal do mínimo sopro do ar, portanto permanecemos intactos e escapamos."

Quando passamos por dificuldades, podemos reagir como o carvalho, lutando, reclamando e pedindo a Deus para tirar o obstáculo de nossa vida, ou podemos nos acomodar a ele, curvando e balançando como os juncos, deixando que Deus nos carregue através do vento, inteiros, e mais fortes que antes.

Aí está a diferença entre enfrentar, bater de frente e tentar destruir o obstáculo, e aceitar, curvando-se às circunstâncias da vida.

Os ensinamentos budistas também nos falam que, dor física é inevitável, mas o sofrimento mental é uma escolha baseada na nossa reação. Por isso, é indispensável saber sofrer, extraindo as bênçãos de luz que a dor oferece ao coração sequioso de paz.

O Espírito Cipriana, no livro *No Mundo Maior*, capítulo 5, ao dialogar com um espírito que atormentava um irmão encarnado, chama-lhe a atenção para o fato de que, apesar de ele ter sido verdadeiramente vítima do outro, ao invés de usar a oportunidade para crescer, deixou-se levar pelo ódio. Diz ela, "o martírio é problema de origem divina. Tentando resolvê-lo, pode o espírito elevar-se ao píncaro resplandecente ou precipitar-se em abismo tenebroso; porque muitos retiram do sofrimento o óleo da paciência, com que acendem a luz para vencer as próprias trevas, ao passo que outros dele extraem pedras e acúleos de revolta, com que se despenham na sombra dos precipícios" (Xavier 2011, 102).



**A dor é
obrigatória,
o sofrimento
é opção**



**Alçar pelas
nossas
emoções o
eterno**



Sejamos resilientes, retiremos do sofrimento o óleo da paciência, e compreendamos que os dissabores na vida somente ocorrerão enquanto nossa alma se encontrar em dissonância com a harmonia divina. Nos fala Léon Denis que, "à medida que a alma se eleva para uma claridade mais viva, para uma verdade mais ampla, para uma sabedoria mais perfeita, as causas do sofrimento vão-se atenuando, ao mesmo tempo em que se dissipam as ambições vãs, os desejos materiais. E de estância em estância, de vida em vida, ela penetra na grande luz e na grande paz onde o mal é desconhecido e onde só reina o bem! O destino, em virtude de ser ilimitado, prepara-nos possibilidades sempre novas de melhoramento. O sofrimento é apenas um corretivo aos nossos abusos, aos nossos erros, incentivo para a nossa marcha. Assim, as leis soberanas mostram-se perfeitamente justas e boas; não infringem a ninguém penas inúteis ou imerecidas" (Denis 2011, 285).

Deus nos acompanha sempre em seu infinito amor. A benfeitora Joanna de Angelis confirma o amor do Pai nos momentos difíceis de nossa vida ao dizer, "a dor é uma bênção que Deus envia a seus eleitos" (Kardec 2008, 132).

A escolha é nossa:
Podemos viver o amargor e o fel
Ou eleger a conexão com o céu

Podemos escolher viver um verdadeiro inferno
Ou alçar pelas nossas emoções o eterno

Podemos nos engessar na presença da dor
Ou abrir nossas asas ao escolher o amor

Porque escolher o sofrimento
Quando podemos renovar o sentimento?

O grito que ecoa a desesperança
Poderia vir a ser o louvor da esperança.

Não viva pois na desolação
Entregue a Jesus seu coração.

Bibliografia

KARDEC, Allan. 2008. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. Brasília: FEB.

KARDEC, Allan. 2006. *O Livro dos Espíritos*. [Tradução de Evandro Noleto Bezerra]. Brasília: FEB.

DENIS, Léon. 2011. *O Problema do ser, do destino e da dor*. Brasília: FEB.

XAVIER, Francisco C. (André Luiz, Espírito). 2011 *No Mundo Maior*. Brasília: FEB.



Eleger a conexão com o céu





Revisitando

"Assassinato de Cinco Crianças por Outra de Doze Anos"

(Revista Espírita - outubro de 1859)

CLÁUDIA LUCAS*



Revista Espírita



***Cláudia Lucas** Licenciada em Serviço Social, Mestre em Ciências da Família, Assistente Social de profissão. Membro fundador da associação No Invisível – Estudos e Divulgação Espírita e colaboradora da Federação Espírita Portuguesa.



**A nossa personalidade
não nasce com o atual
corpo físico, mas
tem sido talhada ao
longo dos milénios de
existência enquanto
Espíritos imortais**

Resumo

O artigo que analisamos foi publicado na *Revista Espírita* de Outubro de 1858, fazendo referência a um caso real que havia ocorrido em 1857 - o assassinato de 5 crianças (com idades entre os 4 e os 9 anos) praticado por uma outra criança (de 12 anos de idade). Infelizmente, na atualidade, continuamos a assistir a casos destes, embora sejam episódios raros. Notícias destas, tão chocantes quão imprevisíveis, fazem-nos repensar em tudo o que achamos saber sobre a vida e sobre morte.

O menino de 12 anos confessou o crime com o maior sangue-frio e sem manifestar qualquer arrependimento.

É importante entendermos que a nossa personalidade não nasce com o atual corpo físico, mas tem sido talhada ao longo dos milénios de existência enquanto Espíritos imortais.

Como nada acontece por acaso, as cinco crianças assassinadas não foram desamparadas nem esquecidas por Deus, da mesma forma que não foi por acaso que aqueles pais perderam os filhos.

Sendo a Justiça Divina profundamente misericordiosa e sábia, este acontecimento doloroso não pode ter deixado de constituir também um momento de aprendizagem para todos.

palavras-chave: assassinato, maldade, imperfeição, Justiça Divina, evolução.



**A maldade
não tem idade;
é ingênua na criança
e raciocinada no
homem adulto**



tema que abordamos hoje reflete bem as ocorrências terríveis que ainda se dão no Planeta Terra. É certo que este caso remonta a 1857, pelo que já passaram 168 anos. Mas na atualidade continuam a ocorrer crimes idênticos, tão chocantes quão imprevisíveis.

Passou-se então que no ano de 1857, algumas crianças brincavam juntas no jardim do sr. Fritche. Três eram filhos do Sr. Hubner, fabricante de pregos, e dois eram filhos do Sr. Fritche, sapateiro. As crianças, um menino e quatro meninas, tinham entre 4 e 9 anos. Uma outra criança, de 12 anos, conhecida “pelo seu mau caráter”, associou-se às brincadeiras e convenceu os outros a entrarem num baú, guardado numa casinha do jardim onde brincavam. As cinco crianças mal cabiam dentro do baú, mas apertaram-se de modo a caberem, apreciando a brincadeira. Assim que entraram, o rapaz de 12 anos fechou o baú, sentou-se em cima e ficou 45 minutos a ouvir os gritos e depois os gemidos das crianças. Quando ele os supôs mortos, abriu o baú; mas as crianças ainda respiravam. Tornou a fechá-lo, trancou-o e foi brincar.

Os pais dando pelo desaparecimento dos filhos, procuraram-nos por toda a parte. Ansiosos e desesperados acabariam por encontrá-los no baú, após demoradas buscas. As cinco crianças haviam desencarnado.

O jovem de 12 anos confessou o crime com grande sangue-frio e sem manifestar qualquer arrependimento, depois de ser denunciado por uma menina que o viu sair do jardim.

Um crime cometido por uma criança choca-nos ainda mais, talvez por estarmos habituados a ver as crianças como seres ingênuos e inocentes, incapazes de tais barbaridades. Felizmente, não sendo caso único, episódios como este são pouco comuns. Mas são tão impressionantes que desejamos acima de tudo compreender o porquê.

Kardec aproveita para interrogar um espírito a este respeito:

“Que motivo teria levado uma criança dessa idade a cometer uma ação tão atroz e com tanto sangue-frio?”

– A maldade não tem idade; é ingênua na criança e raciocinada no homem adulto.”

A maldade tal como todos os outros defeitos e vícios da alma, não é inerente à idade do corpo físico mas

sim à personalidade do Espírito, que sendo imortal, vai acumulando experiências, erros, vícios e qualidades. Para uma maldade tão marcada e explícita se manifestar tão cedo através dos comportamentos infantis, certamente é porque o Espírito, embora num corpo infantil, tem essa característica e ainda não foi capaz de a superar.

“Quando a maldade existe numa criança que não raciocina, não denotará a encarnação de um Espírito muito inferior?”

– Nesse caso, procede diretamente da perversidade do coração; é seu próprio Espírito que o domina e o impele à perversidade.”

Um espírito bom ou um espírito superior já não teriam ações que revelassem maldade ou perversidade. Tais características são próprias de Espíritos inferiores, sem sombra de dúvida.

“Qual poderia ter sido a existência anterior de semelhante Espírito?”

– Horrível.”

“Em sua existência anterior ele pertencia à Terra ou a um mundo ainda mais atrasado?”

– Não o vejo bem; contudo, devia pertencer a um orbe bem mais inferior do que a Terra (...).”



**A maldade tal como
todos os outros
defeitos e vícios da
alma, não é inerente
à idade do corpo
físico mas sim à
personalidade do
Espírito**

Por esta resposta percebemos que o espírito que está a ser questionado por Kardec não é um espírito superior, embora Kardec refira que é um espírito que já deu mostras de superioridade. A superioridade constitui-se de incontáveis graus. Este espírito que responde a Kardec será certamente já suficientemente conhecedor para conseguir responder à maioria das questões que lhe são colocadas, mas ainda não possui capacidade para perceber ou conhecer todos os contornos relativos a esta situação e ao espírito da criança de 12 anos, daí que diga que não tem a certeza se o espírito pertencia à Terra ou a um mundo inferior.

Mas no decorrer da conversa com Kardec, este espírito inclina-se bastante para a probabilidade da criança de 12 anos ser efetivamente a reencarnação de um espírito proveniente de um mundo inferior ao Planeta Terra, mundo esse onde: a imperfeição seria ainda muito marcada; haveria uma fraca ideia de justiça; os homens viveriam apenas para si e para a satisfação das suas paixões e instintos¹.

Neste caso, desconhecemos o que ocorreu durante os 12 anos da sua infância, quais as suas condições

de vida, como foi criado e educado, qual o contexto em que cresceu, que exemplos e ensinamentos recebeu. Todas estas incógnitas podem ser muito importantes para, psicologicamente, se compreender a personalidade desta criança e para condicionar a sua saúde mental. Mas, para além disso, há as inclinações do próprio espírito, que são o seu património permanente e que, a serem inclinações inferiores, vão facilitar que ele aproveite e replique os exemplos negativos ao seu redor e que desenvolva os aspectos mais sombrios da sua personalidade que poderão resultar em psicopatologias muito graves.

À época a pedopsiquiatria e a psicologia mais voltada para as crianças não estavam desenvolvidas como nos dias de hoje. E é interessante reparar que esta criança já era conhecida pelo seu "mau carácter", ou seja, pela sua inferioridade, que já se manifestava antes deste crime.

Nos dias de hoje, certamente ela teria sido encaminhada para serviços de saúde mental adequados à sua faixa etária e, com o devido acompanhamento, talvez este crime pudesse ter sido evitado.

1. Cf. Pergunta 8 e 9 do artigo em questão.



As inclinações do espírito são o seu património permanente

De qualquer forma, não há dúvida de que este era um espírito ainda muito imperfeito, talvez até uma alma profundamente doente, muito marcada pelo seu passado e ainda muito afastada do cumprimento das Leis Divinas.

Sendo possivelmente um espírito de um grau de evolução inferior ao dos espíritos encarnados na Terra, e, portanto, com um grau de consciência proporcional ao seu grau evolutivo, e sendo uma criança de 12 anos, teria perfeita consciência do crime que cometia? Como Espírito, seria responsabilizado por ele?

Em crimes idênticos, poderá dar-se o

caso também de ser um espírito como os que são referidos na obra *Transição Planetária*, psicografia de Divaldo Franco, ditada pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda, em que é revelado que “incontáveis membros das tribos bárbaras do passado, que permaneceram detidos em regiões especiais durante alguns séculos, de maneira que não impedissem o desenvolvimento do planeta, renascem (...) assinalados pelo primitivismo em que se mantiveram. (...) tendo a santa oportunidade de refazerem conceitos, aprimorarem sentimentos e de participarem da inevitável marcha ascensional...” (Franco 2010, 33).

REVUE SPIRITE

JOURNAL

D'ÉTUDES PSYCHOLOGIQUES

CONTENANT

Le récit des manifestations autotéles d'intelligence, des esprits, spiritisme, etc., ainsi que toutes les nouvelles relatives au Spiritisme. — L'enseignement, l'analyse des choses du merveilleux et du surnaturel, la psychologie, la morale, la philosophie, l'âme, la nature de l'homme, son avenir, etc. — Le Journal du Spiritisme, son rapport avec le magisme, le christianisme, l'explication des dogmes et des pratiques populaires, de la mythologie, etc.



**Os Espíritos
não podem regredir (...),
no sentido de que não
é possível perder o que
adquiriram em ciência
e em moralidade**

PARIS

BUREAU RUE DES MARTYRS, 3.

Vemos como Deus permite que esses espíritos mais atrasados possam, em contacto com outros mais avançados ter mais facilidade em se adaptarem a um novo registo de vivências positivas e já não tão bárbaras como aquelas a que estavam habituados. E isso, simultaneamente, permite aos mais adiantados progredirem, pois são confrontados com as naturais dificuldades que esses comportamentos geram e que, no final, permitirá que todos amadureçam, ainda que "expressivo número", permaneça "em situações de agressividade e indiferença emocional, tornando-se instrumentos de provações rudes para a sociedade." (Franco 2010, 33)

Apesar da possibilidade de integração numa sociedade que lhes facilitará a aquisição de valores morais elevados, não é fácil aproveitarem essa oportunidade e é comum manterem o padrão de inferioridade a que estavam ligados. É natural, por isso, que desperdiçada a oportunidade, se vejam constrangidos a regressar a um mundo num estágio de evolução inferior, onde repetirão aprendizagens: "Fruem da excelente ocasião

que, malbaratada, os recambiará a mundos primitivos, nos quais contribuirão com os conhecimentos de que são portadores, sofrendo, no entanto, as injunções rudes que serão defrontadas." (Franco 2010, 33)

Allan Kardec procura, ainda, saber qual seria a posição de um espírito destes numa nova existência e a resposta que obtém é bem elucidativa e concordante com as informações de Philomeno de Miranda:

"– Se o arrependimento vier apagar, se não inteiramente, mas pelo menos em parte, a enormidade de suas faltas, então ficará na Terra; se, ao contrário, persistir no que chamais de impenitência final, irá para um lugar onde o homem se nivela com os animais."

Ainda a respeito do regresso de espíritos que se acharam em mundos muito elevados para eles, e que são obrigados a regressar a outros mais compatíveis com a sua natureza, Kardec salienta que "os Espíritos não podem regredir (...), no sentido de que não é possível perder o que adquiriram em ciência e em moralidade; mas podem decair em posição."

Como nada acontece por acaso, as cinco crianças assassinadas não foram desamparadas nem esquecidas por Deus, algo no seu passado justificou o seu desencarne naquele contexto. Da mesma forma, não foi por acaso que aqueles pais perderam os filhos. E quão dura terá sido para eles a perda, de uma vez só, dos seus três filhos. A Justiça Divina é profundamente misericordiosa e sábia, pelo que temos a certeza de aquele desfecho trágico, embora profundamente doloroso, não foi injusto nem injustificado, como se verifica na questão 199 de *O Livro dos Espíritos*:

“A curta duração da vida da criança pode representar, para o Espírito que a animava, o complemento de existência precedentemente interrompida antes do momento em que deveria terminar, e sua morte, também não raro, constitui provação ou expiação para os pais.”

Não esqueçamos que “Os Espíritos só entram na vida corporal para se aperfeiçoarem, para se

melhorarem. A delicadeza da idade infantil os torna brandos, acessíveis aos conselhos da experiência e dos que devam fazê-los progredir. Nessa fase é que se lhes pode reformar os caracteres e reprimir os maus pendores. Tal o dever que Deus impôs aos pais, missão sagrada de que terão de dar contas.”²

De acordo com os seus maus pendores, com os exemplos, com a educação que recebam desde que nascem, resultará uma experiência de crescimento espiritual ou não. Mas seja qual for a circunstância, mesmo esses espíritos que revelam ausência de bondade ou de compaixão, não deixam de ser nossos irmãos que simplesmente se encontram num patamar inferior de evolução, que merecem as nossas preces e que, tal como nós, chegarão a espíritos puros e, portanto, perfeitos.

A Lei de Deus é Lei de Progresso e de Amor, cuja meta é a felicidade, e dela, nenhum de nós, por mais tempo que demore, poderá fugir.

2. Ver questão 385 de “O Livro dos Espíritos”.



**Os Espíritos só
entram na vida
corporal para se
aperfeiçoarem, para
se melhorarem**



**A personalidade
tem sido talhada
ao longo dos
milénios de
existência**

Bibliografia:

FRANCO, Divaldo P. (Manoel Philomeno de Miranda, Espírito). 2010. *Transição Planetária*. Salvador: LEAL.

KARDEC, Allan, *O Livro dos Espíritos*. Brasília: FEB.

KARDEC, Allan, 2004. *Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos*. (Out. 1858). Brasília: FEB.

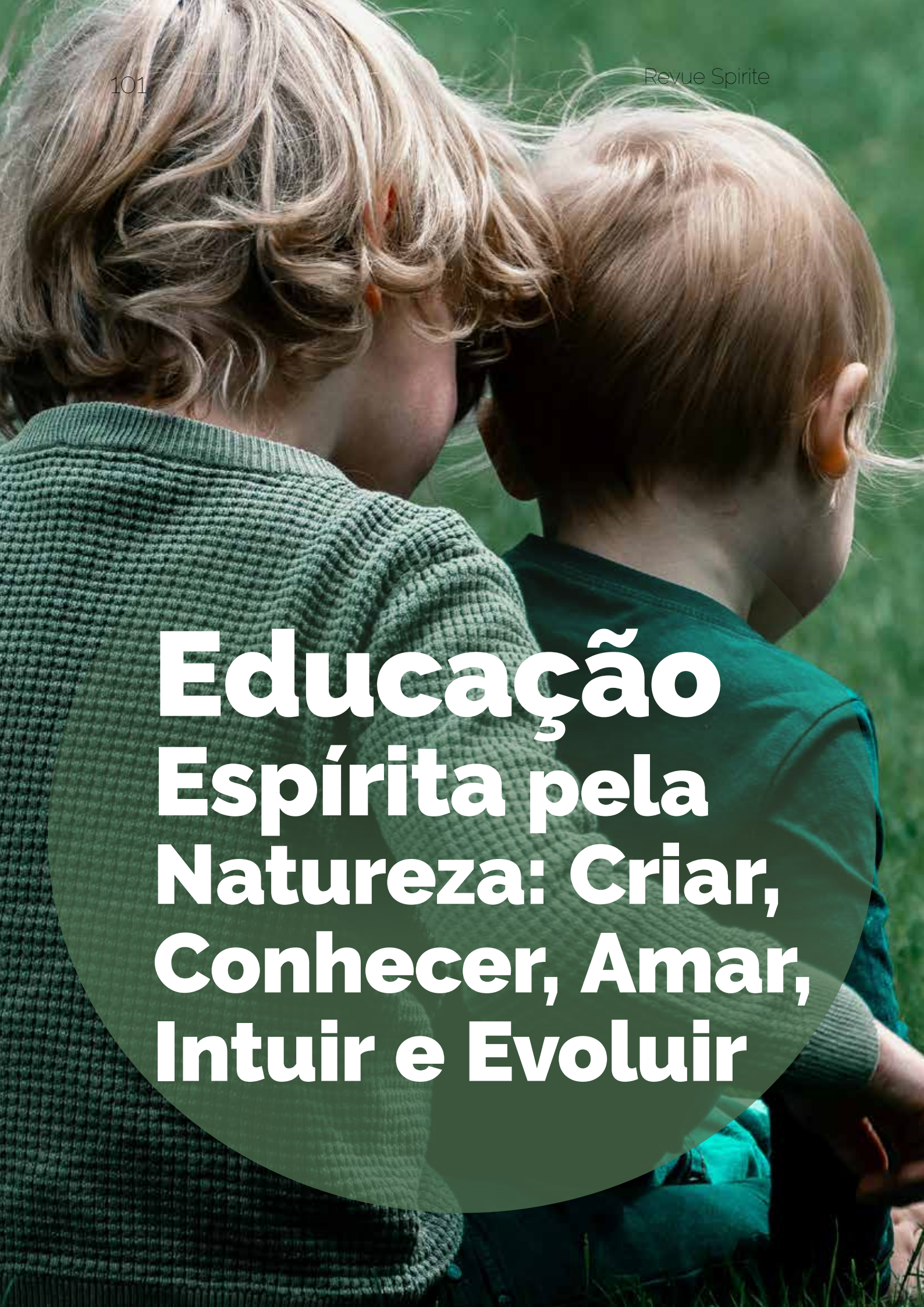
A Geração **Nova** **Espiritismo** com **Crianças e Jovens**

FILIPA RIBEIRO*



***Filipa Ribeiro**
Espírita desde 2009.
Professora, Jornalista
e Investigadora na
área da Educação e
Sociologia da Ciência.

Photo by Dieter Van Hamme on Unsplash



Educação Espírita pela Natureza: Criar, Conhecer, Amar, Intuir e Evoluir

Resumo

É primordial recuperarmos a veneração da natureza que os seres humanos cultivaram durante milénios; se assim não for, a nossa preocupação pelo meio ambiente continuará a ser superficial. Neste artigo propomos uma síntese entre o método intuitivo de Pestalozzi, a doutrina espírita e a educação pela natureza cuja abordagem apresentamos e fundamentamos com base em literatura científica e espírita. A educação espírita pela natureza não pretende apenas formar crianças mais saudáveis e equilibradas - embora também o faça. O seu objetivo é formar espíritos conscientes da sua natureza espiritual e da sua responsabilidade cósmica fomentando o apreço estético da natureza e um programa ético com base no Evangelho. Crianças que crescem em contacto íntimo com a natureza, exercitando a brincadeira livre e desenvolvendo as suas faculdades intuitivas, tornam-se adultos mais preparados para compreender as "sublimes verdades do mundo invisível" de que nos fala Emmanuel. Vivemos tempos em que a crise ambiental assume uma urgência como nunca antes na História, e sabendo que o desastre só pode ser evitado se mudarmos a forma como vivemos, ou seja, não apenas o nosso estilo de vida, mas todo o nosso sistema de crenças segundo o qual o ambiente natural é apenas um cenário sem qualquer reciprocidade. Essa mudança só ocorrerá pela Educação e a Evangelização espírita pode e deve ter um papel ativo e até impulsionador nesse continuum de tempo e espaço onde animais, plantas e humanos são permeados por uma imanente força que os atrai para um todo sintetizado no poder criador e intuitivo do Espírito.

Palavras-chave: Educação pela natureza, brincadeira, educação espírita, intuição.



**Disse Jesus ao
jovem rico:
o convite é
para hoje,
agora**



**Educação é (...)
construção,
transformação,
crescimento,
mudança**

Ser sempre criança.

Adília Lopes, *Estar em casa*, p. 36. Assírio e Alvim

1. Construimos as nossas vidas em torno de estruturas de certeza — casas onde viver, casamentos onde amar, ideologias onde pensar — e, no entanto, uma parte intrínseca de nós sabe que nada perdura, sabe que pagamos por estas ilusões confortantes com a nossa própria vitalidade. O espanto — esse estado à beira da compreensão, onde a mente toca o mistério — é o nosso melhor meio de amar o mundo mais profundamente. Exige de nós a coragem da incerteza porque é uma forma de jogo profundo e a brincadeira livre é intrinsecamente aberta, sem propósito ou meta final, governada não pela vontade de ganhar um ponto, mas pela disposição de se entregar a um centro de experiência e ser transformado por ele. É a propriedade de espanto que alarga a visão e aprofunda a vida.

Na educação formal que temos hoje o foco é a mera aquisição de informações, conhecimentos e a classificação estéril dessa aquisição. Mas a Educação é mais do que isso: implica construção, transformação, crescimento, mudança. E todos estes processos não são meras acumulações ou adaptações; urge algo mais estrutural para que a Educação seja a base e o motor dessa mudança que todos queremos, mesmo que ainda disso não tenhamos consciência. Para isso, sugere Walter Oliveira Alves, no livro *Prática Pedagógica na Evangelização* (1998), é preciso considerar o próprio “processo criativo do Espírito, na fabulosa energia criadora que cada Espírito possui em si mesmo”. E o processo de ativar essa energia está, segundo o autor, na criatividade, na capacidade de avançar além do que existe. Por outras palavras, a “nova educação deve oferecer oportunidade para a criança CRIAR, não apenas desafios para ela reconstruir o real, o que existe, mas ir além, criar o novo” (Alves 1998, 31).

Talvez a forma mais certa de ir além e ver o maravilhoso no que é comum, algo que antes era subestimado, é vir a amar algo e/ou alguém que nos ama. À medida que entramos nos mundos uns dos outros no amor — qualquer que seja a sua forma ou espécie — ampliamos a nossa forma de ver, alargamos a nossa forma de ser, magnificamos o nosso sentido de maravilha, e a maravilha é o nosso melhor meio de amar o mundo mais profundamente e criar alternativas melhores. Segundo Maria Ressa, Nobel da Paz, estamos a caminho de outra era de fascismo em que o controlo sobre nós é o controlo da mente. Fazer o caminho de volta ao maravilhamento, ao espanto, ao amor e à natureza são antídotos para os venenos da sociedade atual. A educação espírita infantil e juvenil pode e deve dialogar nesse sentido, sobretudo porque sabemos que estão a reencarnar muitos espíritos – já com elevado grau de evolução – que vêm contribuir para a solução. Que isso se torne uma oportunidade ganha ou perdida depende de cada um de nós, hoje. Tal como disse Jesus ao jovem rico: o convite é para hoje, agora.

2. “A Natureza, as suas paisagens bucólicas e tristes onde Jesus viveu e pregou podem ser denominadas como um Quinto Evangelho, tal a autenticidade das narrações dos quatro outros que colocam beleza e vida nos rebordos e fossos imundos, nas praias e montes, nas aldeias e campos férteis dos quais Ele retirou a musicalidade para o terno poema da Boa Nova” (Franco 2019, 16).

Um estudo científico¹, publicado em julho de 2025, mostra que a conexão humana com a natureza reduziu em 60% nos últimos 200 anos. Mesmo com intervenções como o aumento do verde urbano e um maior envolvimento com a natureza, as projeções sugerem uma desconexão persistente da natureza até 2050, destacando riscos entrincheirados para a gestão ambiental. Essa desconexão tem tido um impacto desastroso no crescimento, desenvolvimento e educação das crianças, já que, atualmente, elas crescem cada vez mais distantes da natureza. Logo desde a infância, as crianças e jovens contemporâneos encontram-se crescentemente confinados a espaços fechados e estruturados. Na obra *Descalços e felizes*, Angela J. Hanscom constrói uma ar-

1. Richardson, “Modelling Nature Connectedness Within Environmental Systems: Human-Nature Relationships from 1800 to 2020 and Beyond. Earth”.



**À medida que
entramos nos
mundos uns
dos outros (...)
ampliamos a
nossa forma de
ver, alargamos a
nossa forma de
ser**





**A Educação
acontece via
experiência estética,
que emociona,
sensibiliza e mobiliza
afeto**

gumentação sólida e cientificamente fundamentada sobre os benefícios insubstituíveis do brincar livre ao ar livre para o desenvolvimento infantil, diagnosticando o que designa por “epidemia silenciosa” que afeta as crianças modernas: a privação sistemática de movimento livre e contacto com a natureza, consequência de sociedades cada vez mais urbanizadas e avessas ao risco. Particularmente valiosa é a análise que a autora faz das consequências da sobreprotecção parental e da crescente estruturação do tempo livre infantil. A obra sugere-nos uma reflexão mais ampla sobre os custos humanos de uma sociedade que privilegia a segurança sobre a experiência, a estrutura sobre a espontaneidade. Neste sentido, a obra de Hanscom insere-se numa tradição crítica que inclui autores como Richard Louv (*Last Child in the Woods*) e Tim Gill (*No Fear*). Também Catherine L'Écuyer, na obra *Educar na curiosidade*, propõe uma abordagem educativa que sublinha o espanto natural da criança como motor fundamental da aprendizagem. A autora articula uma crítica fundamentada ao que identifica como a “saturação estimular” da infância contemporânea, defendendo que “é preciso simplificar a infância” e alertando para como o excesso de estímulos pode ser prejudicial ao desenvolvimento infantil. Esta posição, aparentemente simples, sustenta-se numa argumentação sólida sobre os mecanismos neurológicos da atenção e da curiosidade.

A acrescentar a esta desconexão com a brincadeira livre e com a natureza, autores como o neurocientista francês Michel Desmurget² apresentam dados concretos sobre como os dispositivos digitais estão a afetar seriamente o desenvolvimento neural, cognitivo, social e emocional de crianças e jovens. O declínio da brincadeira livre tem um impacto muito mais profundo na sociedade do que imaginamos, pois as brincadeiras livres ajudam as crianças a desenvolver as capacidades de cooperação e de resolução de conflitos, que estão intrinsecamente relacionadas com a «arte da associação» de que dependem as democracias. Quando os cidadãos não dominam esta arte são menos capazes de resolver conflitos da vida comum quotidiana, apelam mais frequentemente às autoridades para que apliquem força coerciva aos seus opositores e mais facilmente acolhem a burocracia da cultura de segurança (Lukianoff & Haidt 2025). Quando perguntámos a uma turma do 2º ano do ensino básico, com uma faixa etária entre os 7 e 8 anos, como seria a cidade ideal, uma das coisas mais referidas era a necessidade de mais polícias...

2. Desmurget, "A Fábrica de cretinos digitais".

Nesse mesmo estudo pedagógico (Ribeiro 2025), ainda que a uma escala pequena e com uma amostra muito reduzida, verificou-se que crianças do ensino básico, na área metropolitana do Porto (Portugal), com idades entre os 7 e 8 anos, têm uma conceção da natureza essencialmente mediada (livros, media, etc.) e quando questionados sobre quanto tempo passam na natureza revela-se um cenário diversificado, mas preocupante do ponto de vista da educação ambiental. A predominância de contacto limitado (mais de 60% dos alunos) sugere um padrão típico de crianças em contextos urbanos ou semi-urbanos, onde o acesso à natureza está condicionado por fatores logísticos e familiares.

Certamente não alheio a este distanciamento da natureza juntamente com outros fatores como a superproteção parental e a parentalidade helicóptero, a epidemia silenciosa de saúde mental está instalada entre crianças e jovens. A chamada iGen (geração nascida entre 1995 e 2012) apresenta taxas muito mais elevadas de ansiedade e depressão, sendo que os aumentos para raparigas são muito maiores do que para rapazes. Duas das causas que se têm apontado é a chamada cultura de segurança e a parentalidade paranóica. Para os psicólogos Greg Lukianoff e Jonathan Haidt, "(...) demasiada supervisão e protecção podem transformar-se em cultura de segurança. A cultura de segurança transforma crianças que são antifrágéis por natureza em jovens adultos que são mais frágeis e ansiosos" (Lukianoff & Haidt 2025, 228). Os autores consideram que as crianças de hoje têm, em média, infâncias muito mais restritas do que as dos seus pais que cresceram em tempos bastante mais perigosos; as crianças de hoje foram privadas de tempo para brincar e explorar sem supervisão, perdendo muitos dos desafios, experiências negativas e riscos menores que ajudam as crianças a tornarem-se adultos resilientes, competentes e independentes. Já os jovens crescem com uma pressão crescente para encaixar, para se destacarem, com redes sociais como modeladores primários, e sem as ferramentas emocionais para lidar com tudo isso e com a infância confinada que usufruíram. Os professores, em especial, notam-no diariamente, seja em conversas informais, em olhares apagados, em frases soltas que deixam entrever um mal estar profundo.



**A cultura de
segurança transforma
crianças que são
antifrágeis por
natureza em jovens
adultos que são mais
frágeis e ansiosos**



**Ninguém será
capaz de amar o
que não conhece;
ninguém será capaz
de preservar uma
natureza com a
qual não convive**

Ainda que, hoje em dia, se fale muito (nem sempre bem) de saúde mental, seria bom conseguirmos adicionar a educação das tendências aos esforços que estão a ser feitos, como alertou o espírito Camilo no livro *Educação e Vivências*, psicografado pelo médium Raúl Teixeira, pois "ninguém é vítima no mundo, a não ser pela visão do presente, quando não são consideradas as realizações e experiências transactas" (p. 118). E se a sugestão passa por educar as energias através de disciplinas (Teixeira 2020, 120), inclui também um retorno à natureza (a melhor disciplinadora de energias, afectos e sentimentos) e à criatividade. Porque a "educação que um menino recebe dos objetos, das coisas, da realidade física – por outras palavras, dos fenómenos materiais da sua condição social -torna-o corporalmente aquilo que é e será por toda a vida. O que é educado é a sua carne, como forma do seu espírito" (Pasolini 1990, 127). A Educação acontece via experiência estética, que emociona, sensibiliza e mobiliza afeto. É preciso impregnar-se do mundo físico e social pelos sentidos para chegar aos sentimentos (Oswald 2011). A imersão na amplitude que é a natureza é fundamental para que o ser humano, ilusoriamente onipotente, experimente a relativização do seu tamanho diante do mundo, o que também fomentará o seu sentido de pertença à natureza sem a qual não há resolução possível da crise ambiental catastrófica que estamos a viver. Afinal:

"Ninguém será capaz de amar o que não conhece; ninguém será capaz de preservar uma natureza com a qual não convive. Por isto, precisamos de realizar uma aproximação física, estabelecendo relações quotidianas com o sol, com a água, com a terra, fazendo que sejam elementos sempre presentes, chão, pano de fundo, matéria-prima para a maior parte das atividades" (Tiriba 2016, 14).

Assim, contribuir para a construção de um sentimento de pertença das crianças em relação à natureza é condição para uma educação espírita comprometida com a justiça social e equilíbrio ambiental. E este é, claro, um esforço de equipa entre famílias, escolas e centros espíritas com educação infantil e juvenil.

3. Nas sessões de evangelização ou educação espírita de crianças, Walter Oliveira Alves (1998) propõe alguns exemplos de actividades com crianças pequenas: actividades dinâmicas (músicas com gestos, actividades lúdicas, danças, etc.); actividades de concentração (contar histórias, conversação, reflexão sobre ideias, etc.); criatividades (actividades de artes plásticas, dramatizações, danças criativas, história participada, etc.); relaxamento (favorecer o silêncio, relaxamento físico, meditação e prece).

Por que não dar também espaço para a brincadeira livre que, de acordo com Peter Gray, é “uma actividade escolhida e dirigida livremente pelos participantes, realizada por si mesma, sem o objetivo consciente de alcançar fins distintos da própria actividade”? Este é o tipo de brincadeira que, consensualmente entre especialistas, é considerado o mais importante e o que mais tem diminuído na vida das crianças. E é importante perceber os factores que explicam esse declínio para se poder combater: a parentalidade de helicóptero, combinada com normas e leis sociais, pode estar a impactar negativamente a saúde mental e capacidade de resiliência de crianças e jovens, o aumento da competitividade na admissão às melhores universidades, um foco crescente em classificações (testes nas escolas, preparação para estes e trabalhos de casa), diminuição do foco nas competências físicas e sociais (desde o início do século XXI), a crescente disponibilidade de *smartphones* e de redes sociais.

Não se pode ensinar directamente a antifrágilidade, mas podemos dar às crianças a dádiva da experiência de que precisam para se tornarem adultos resilientes e autónomos e não dependentes e incapazes. Essa dádiva começa com o reconhecimento de que as crianças precisam de algum tempo não estruturado e não supervisionado para aprenderem a avaliar os riscos por si e a praticar como lidar com situações e sentimentos como a frustração, o tédio e os conflitos interpessoais (Lukianof & Haidt 2025). No fundo, deixar a criança crescer, partir do princípio de que



**Podemos dar às
crianças a dádiva
da experiência
de que precisam
para se tornarem
adultos resilientes
e **autónomos****

“

**A educação
pela natureza
cria espaços onde
a intuição pode
florescer**



são capazes, permitir que errem e aprendam, incentivar as crianças a envolverem-se em «discordâncias produtivas» (e a evangelização tem um papel importante em ensinar as crianças a discutir de forma produtiva, mas para isso é preciso que evangelização seja educação e não uma mera doutrinação); orientar as crianças a dar e receber críticas sem magoar e sem se magoarem. O psicólogo Adam Grant³ sugere quatro regras para uma discordância produtiva: 1) enquadrar a conversa como um debate, em vez de um conflito; 2) argumentar como se tivesse razão, mas ouvir como se estivesse errado (e disposto a mudar de ideias); 3) interpretar da forma mais respeitosa possível a perspectiva da outra pessoa; 3) reconhecer onde concorda com os que pensam de forma diferente e o que aprendeu com eles.

Se a isto adicionarmos o sentimento de pertença à natureza e a brincadeira livre, podemos conseguir, na evangelização e educação espíritas, acrescentar ao método intuitivo de Pestalozzi, o qual preconiza que a razão, sentimento e sentidos devem ser estimulados simultaneamente.

“Faz-se mister, em vossos tempos, que busqueis desenvolver todas as vossas energias espirituais – forças ocultas que aguardam o vosso desejo para que desabrochem plenamente. O homem necessita das suas faculdades intuitivas, através de sucessivos exercícios da mente, a qual, por sua vez, deverá vibrar ao ritmo dos ideais generosos. Cada individualidade deve alargar o círculo das suas capacidades espirituais, porquanto, poderá, como recompensa à sua perseverança e esforço, certificar-se das sublimes verdades do mundo invisível, sem o concurso de quaisquer intermediários” (Xavier 2006, 49).

A proposta de Emmanuel, através de Chico Xavier, ressoa profundamente com os princípios da educação pela natureza. O desenvolvimento das “faculdades intuitivas” não pode ser alcançado apenas através de exercícios mentais realizados em espaços fechados e estruturados. A natureza oferece o ambiente ideal para que a mente “vibre ao ritmo dos ideais generosos”, proporcionando experiências que despertam naturalmente a intuição. Quando observamos

3. Grant, “Kids, would you please start a fight?”

uma criança em brincadeira livre numa floresta ou junto a um ribeiro, vemos como ela utiliza espontaneamente todos os seus sentidos - tal como preconizava Pestalozzi. Toca na textura rugosa da casca das árvores, observa os padrões das folhas, escuta o canto dos pássaros, sente o aroma da terra húmida. Esta experiência multissensorial cria as condições ideais para o despertar da intuição, essa faculdade superior que nos conecta com verdades mais profundas.

Allan Kardec, no *O Livro dos Espíritos*, esclarece que a intuição é "uma espécie de clarividência sobre o passado e o futuro" (questão 447), uma faculdade da alma que se manifesta através de impressões vagas, mas verdadeiras. Na educação tradicional, suprimimos frequentemente esta capacidade natural através do excesso de estruturação e da valorização exclusiva do pensamento lógico-racional. A educação pela natureza, pelo contrário, cria espaços onde a intuição pode florescer.

A brincadeira livre na natureza não é apenas uma atividade recreativa - é um verdadeiro exercício de educação sentimental e espiritual. Quando as crianças brincam livremente no meio natural, sem a pressão de objetivos externos ou a supervisão constante dos adultos, desenvolvem naturalmente qualidades espirituais fundamentais: a paciência, a compaixão, a humildade, e a fraternidade partilhando descobertas com os amigos. Além disso, esta liberdade de exploração permite que as crianças experienciem o que os Espíritos nos ensinam sobre a importância do livre-arbítrio. Numa brincadeira livre na natureza, a criança exerce constantemente escolhas - trepar uma árvore ou explorar o riacho, brincar sozinha ou juntar-se aos amigos, persistir numa atividade desafiante ou tentar algo novo. Estas pequenas decisões, aparentemente insignificantes, são na verdade exercícios de responsabilidade e autodeterminação.





Experiência
multissensorial cria
condições ideais para o
despertar da intuição,
essa faculdade
superior que nos
conecta com verdades
mais profundas



**Numa educação
espírita pela
natureza, cada
elemento natural
pode tornar-se
uma lição viva
sobre as leis
morais**



4. A Natureza como Evangelizadora

Jesus utilizava frequentemente exemplos da natureza nos seus ensinamentos – os lírios do campo, os pássaros do céu, o grão de mostarda, a vinha. Esta não era uma escolha casual, mas o reconhecimento de que a natureza é, ela própria, uma fonte de ensinamentos espirituais. Numa educação espírita pela natureza, cada elemento natural pode tornar-se uma lição viva sobre as leis morais.

O ciclo das estações ensina sobre renovação e transformação; a observação de uma colmeia ilustra a importância da cooperação; o crescimento de uma semente plantada pela criança demonstra concretamente as leis de causa e efeito. Estes ensinamentos, vivenciados através da experiência direta, ficam gravados na alma de forma muito mais profunda do que as lições teóricas transmitidas em sala de aula/ de evangelização.

A síntese entre o método intuitivo de Pestalozzi, a doutrina espírita e a educação pela natureza que tentámos propor neste artigo sugere uma metodologia que podemos denominar de “Educação Intuitiva pela Natureza”. Esta abordagem integra:

Observação Sensorial: Utilizar todos os sentidos para explorar o mundo natural, desenvolvendo a capacidade de percepção refinada que é base da intuição.

Reflexão Contemplativa: Momentos de silêncio e contemplação da natureza, permitindo que as impressões sensoriais se transformem em *insights* espirituais.

Expressão Criativa: Dar forma às experiências vividas através de desenho, música, dança, poesia, permitindo que a criança externalize as suas descobertas interiores.

Partilha Fraternal: Momentos de diálogo onde as crianças partilham as suas experiências e descobertas, praticando a comunicação respeitosa e o exercício da “discordância produtiva”.

Ação Solidária: Projetos de cuidado com a natureza e com os seres que nela habitam, materializando os valores espirituais em ações concretas.

Numa época em que assistimos a uma crescente desconexão entre a humanidade e a natureza, e a um aumento preocupante de problemas de saúde mental entre crianças e jovens, a educação espírita pela natureza surge como uma necessidade urgente. Não se trata de romantizar o passado ou rejeitar os benefícios da modernidade, mas de recuperar uma dimensão fundamental da experiência humana que se tem negligenciado.

Que os centros espíritas e as famílias abracem esta visão integradora, criando espaços onde as crianças possam crescer em liberdade responsável, desenvolvendo simultaneamente as suas capacidades intelectuais, morais e espirituais. Só assim formaremos as novas gerações de trabalhadores do bem, capazes de contribuir para a construção de um mundo mais justo, fraterno e espiritualmente elevado. Para isto, não se pode esquecer o papel do educador, à luz da Filosofia espírita, ora como *gestor*, ora *mediador da autoeducação do educando*, tendo ele passado pelo mesmo processo (ou estar a passar, uma vez que o processo é contínuo) (Lobo 2003; Pires 2004; Incontri 2001).

Afinal,

Nada é impossível de mudar

*Desconfiai do mais trivial,
na aparência singelo.
E examinai, sobretudo, o que parece habitual.*

*Suplicamos expressamente:
não aceiteis o que é de hábito
como coisa natural.*

*Pois em tempo de desordem sangrenta,
de confusão organizada,
de arbitrariedade consciente,
de humanidade desumanizada,
nada deve parecer natural.*

Nada deve parecer impossível de mudar.

Bertolt Brecht (1982).



O papel do educador, à luz da Filosofia espírita, ora é gestor, ora mediador da autoeducação do educando



**A Nova educação
deve oferecer
oportunidade para
a criança CRIAR**

Bibliografia

ALVES, Walter. O. 1998. *Prática Pedagógica na Evangelização*. [s.l.]: Instituto de Difusão Espírita.

ALVES, Walter O. 2000. *Introdução ao Estudo da Pedagogia Espírita*. [s.l.]: Instituto de Difusão Espírita.

DESMURGET, Michel. 2021. *A fábrica de cretinos digitais: os perigos das telas para nossas crianças*. [s.l.]: Contraponto.

FRANCO, Divaldo P. (Amélia Rodrigues, Espírito). 2019. *Quando voltar a Primavera*. Salvador: LEAL.

GRAY, Peter. 2025. *Liberdade para aprender*. [s.l.]: Ziguarte.

HANSCOM, Angela. J. 2022. *Descalços e felizes: como a brincadeira ao ar livre promove crianças fortes, confiantes e capazes*. Lisboa. Livros Horizonte.

INCONTRI, Dora. 2003. *A Educação Segundo o Espiritismo*. Bragança Paulista: Editora Comenius.

KARDEC, Allan. 2017. *O Livro dos Espíritos*. Viseu: Edições Hellil.

LOBO, Ney. 2002. *Filosofia Espírita da Educação, e suas consequências pedagógicas e administrativas*. V. 1 a 5, Rio de Janeiro: FEP.

LUKIANOFF, Geg; HAIDT, Jonathan. 2025. *A infantilização da mente moderna: como as boas intenções e as más ideias estão a preparar uma geração para o fracasso*. [s.l.]: Guerra & Paz.

OSWALD, Maria L. 2011. "Educação pela carne: estesia e os processos de criação". In *Educação experiência estética*. Passos, M.C.P.; Pereira, R.M.R. (orgs). NAU.

PASOLINI, Pier P. 1990. *Os jovens infelizes*. [s.l.]: Brasiliense.

PIRES, José. H. 2004. *Pedagogia Espírita*. São Paulo: Paidéia.

RIBEIRO, Filipa M. 2025. *Educação pela Natureza através do ensino de Português e História no Ensino Básico*. Dissertação de Mestrado Escola Superior de Educação do Porto [publicação em Setembro de 2025].

TEIXEIRA, Raul, (Camilo, Espírito). 2008. *Educação e Vivências*. Niterói: Fráter.

TIRIBA, Léa. 2016. *Crianças, natureza e educação infantil. Educação de crianças de 0 - 6 anos* – GT: Educação, ANPED.

XAVIER, Francisco C. (André Luiz, Espírito). 2014. *No Mundo Maior*. Amadora: FEP.

XAVIER, Francisco C. (Emmanuel, Espírito). 2016. *Emmanuel*. Amadora: FEP.

Palestras

Familiares de

Além-túmulo

Hoje

Photo by Alexander Holmes on Unsplash

Mensagem psicografada
Médium Orlando Noronha Carneiro,
Centro Espírita João Batista
Wenceslau Braz – Paraná.

REEN CON TRARÁ



**Quem
tanto amas,
na vida imortal,
continua
a te amar!**



quele sorriso que enfeitava teus dias;

Aquele olhar que asserenava os teus sentimentos em clima de compreensão;

Aquele timbre de voz que musicava os teus momentos conferindo-te paz e esperança;

Aquele abraço que te rodeava os passos impulsionando-te a prosseguir nos dias de derrotas-aprendizados e que te assenhorava nos dias de tuas vitórias diante dos teus desafios.

Ele continua vivo!

O teu familiar que te antecedeu, cumprindo as horas de experiência na indumentária física, espera-te, mais além, contando com a tua disposição de paciência e coragem.

Ele te acompanha os passos sem tolher tuas experiências necessárias ao teu crescimento espiritual e moral, mas junto a ti, inspira-te para que não te falte a luz da esperança.

Não te entregues ao desalento e nem te desligues de teus compromissos em família e nem de teus afazeres profissionais.

Dedica tuas horas a lembrá-los, honrando-os com tuas ações no bem e no amor.

Quando o pranto encharcar os teus olhos na saudade que te visita, não te deixes abater pelo desespero.

Erge teus pensamentos em prece e entrega-te a Deus que virá ao teu encontro, tranquilizando-te, permitindo-te continuar.

Quem tanto amas, na vida imortal, continua a te amar!

Não te concentres em tua dor, ferindo a ti mesmo.

Reflete que a cada dia estás rumando para o momento do reencontro, mas, dia a dia vive com intensidade e qualidade, construindo em ti as vestes nupciais espirituais da moral que te viabilizará o acesso a quem tanto consagra incomensurável amor.

Quando tiveres cumprido com tuas horas exatas de educação espiritual no plano efêmero das lutas humanas, reencontrarás o sorriso, o olhar, a voz e o abraço que por um momento esteve fisicamente ausente.



**Espera com
paciência.
Caminha com
fé.
Faz o bem sem
esmorecimento**





No porvir
serás **feliz**
retornando
ao convívio
sem fim com
quem jamais se
apartou de ti



Photo by Shakib Uzzaman on Unsplash

O grande amor de tua vida não pereceu para sempre.

Apenas houve uma pausa, mas os olhos não se distanciaram no sentido pleno da vida imorredoura.

Espera com paciência. Caminha com fé. Faz o bem sem esmorecimento.

Vive com intensidade com os corações que ficaram e no porvir serás feliz, retornando ao convívio sem fim com quem jamais se apartou de ti.

Plano Histórico

Di val do







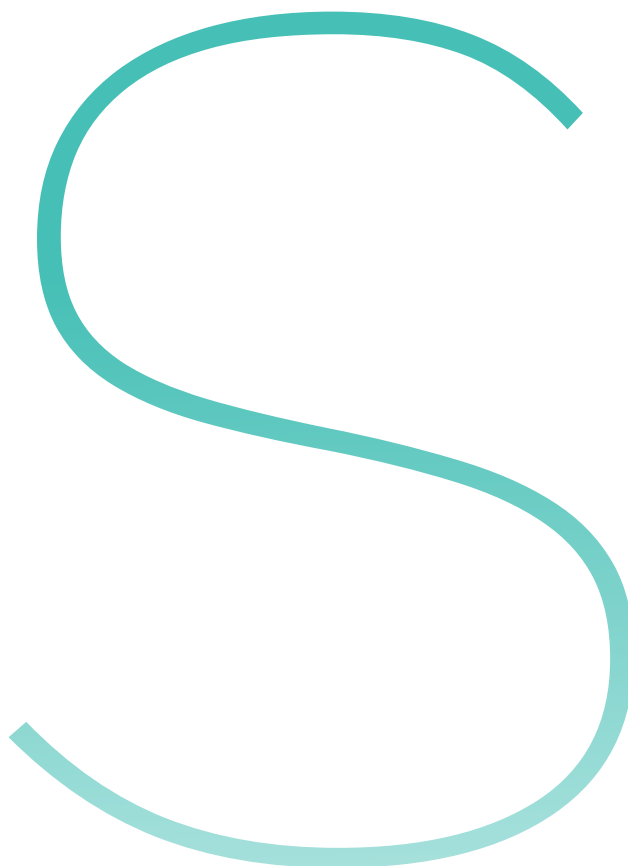
***Jussara Korngold**
é Secretária Geral
do Conselho Espírita
Internacional, ex-
Presidente e atual Vice-
Presidente da Federação
Espírita dos Estados
Unidos. Fundadora e
presidente do Grupo
Espírita de Nova Iorque.
Palestrante, escritora e
tradutora espírita.

poema da

o
re
o
i
t
o
l
o

Amélia Rodrigues

(Buenos Aires, Argentina, 21 de
novembro de 1962).



enhor Jesus, muito obrigado!
Pelo ar que nos dás,
pelo pão que nos deste,
pela roupa que nos veste,
pela alegria que possuímos,
por tudo de que nos nutrimos.
Muito obrigado, pela beleza da paisagem,
pelas aves que voam no céu de anil,
pelas Tuas dádivas mil!
Muito obrigado, Senhor,
pelos olhos que temos...
Olhos que veem o céu, que veem a terra e o mar,
que contemplam toda beleza!
Olhos que se iluminam de amor
ante o majestoso festival de cor
da generosa Natureza!

E os que perderam a visão?
Deixa-me rogar por eles
ao Teu nobre Coração!
Eu sei que depois desta vida,
além da morte,
voltarão a ver com alegria incontida...
Muito obrigado pelos ouvidos meus,
pelos ouvidos que me foram dados por Deus.
Obrigado, Senhor, porque posso escutar
o Teu nome sublime, e, assim, posso amar.
Obrigado pelos ouvidos que registam:
a sinfonia da vida,
no trabalho, na dor, na lida...
O gemido e o canto do vento nos galhos do olmeiro,
as lágrimas doridas do mundo inteiro
e a voz longínqua do cançãoeiro...
E os que perderam a faculdade de escutar?
Deixa-me por eles rogar...
Eu sei que no Teu Reino voltarão a sonhar.
Obrigado, Senhor, pela minha voz.
Mas também pela voz que ama,
pela voz que canta,
pela voz que ajuda,
pela voz que socorre,
pela voz que ensina,
pela voz que ilumina...
E pela voz que fala de amor,
obrigado, Senhor!
Recordo-me, sofrendo, daqueles
que perderam o dom de falar
e o Teu nome sequer podem pronunciar!...
Os que vivem atormentados na afasia
e não podem cantar nem à noite, nem de dia...
Eu suplico por eles
sabendo que mais tarde,
no Teu Reino, voltarão a falar.
Obrigado, Senhor, por estas mãos, que são minhas
alavancas da ação, do progresso, da redenção.
Agradeço pelas mãos que acenam adeuses,
pelas mãos que fazem ternura,
e que socorrem na amargura;
pelas mãos que acarinham,
pelas mãos que elaboram as leis
e pelas que as feridas cicatrizam,
retificando as carnes partidas,
a fim de diminuir as dores de muitas vidas!



Obrigado,
Senhor,
porque
nasci



Obrigado,
Senhor,
porque
creio em
Ti

Pelas mãos que trabalham o solo,
que amparam o sofrimento e estancam lágrimas,
pelas mãos que ajudam os que sofrem,
os que padecem...
Pelas mãos que brilham nestes traços,
como estrelas sublimes fulgindo nos meus braços!
...E pelos pés que me levam a marchar,
erecto, firme a caminhar,
pés de renúncia que seguem
humildes e nobres sem reclamar.
E os que estão amputados, os aleijados,
os feridos e os deformados,
os que estão retidos na expiação
por crimes praticados noutra encarnação.
Eu rogo por eles e posso afirmar
que no Teu Reino, após a lida
desta dolorosa vida,
poderão bailar
e em transportes sublimes
com os seus braços também afagar.
Sei que lá tudo é possível
quando Tu queres ofertar,
mesmo o que na Terra parece incrível!
Obrigado, Senhor, pelo meu lar,
o recanto de paz ou escola de amor,
a mansão da glória
ou pequeno quartinho
o palácio, ou tapera, o tugúrio ou a casa de miséria!
Obrigado, Senhor, pelo amor que eu tenho e
pelo lar que é meu...
Mas, se eu sequer
nem um lar tiver
ou teto amigo para me abrigar
nem outra coisa para me confortar,
se eu não possuir nada,
senão as estradas e as estrelas do céu,
como sendo o leito do repouso e o suave lençol,
e ao meu lado ninguém existir,
vivendo e chorando sozinho, ao léu...
Sem alguém para me consolar
direi, cantarei, ainda:
obrigado, Senhor,
porque Te amo e sei que me amas,
porque me deste a vida
jovial, alegre, por Teu amor favorecida...
Obrigado, Senhor, porque nasci,
obrigado, Senhor, porque creio em Ti.
... E porque me socorres com amor,
hoje e sempre,
obrigado, Senhor!

FRANCO, Divaldo.
(2016). *Sol de esperança*. (Diversos Espíritos).
Salvador: LEAL,

Homenagem



lar de Divaldo Pereira Franco é, antes de tudo, um ato de reverência. Como traduzir em palavras a imensidão de um espírito que fez de sua existência um hino de amor à vida, à humanidade e a Deus? É quase impossível condensar em frases a grandeza de alguém que, durante quase um século, foi semeador incansável da esperança, da caridade e do Evangelho nos corações de milhões ao redor do mundo.

Divaldo partiu para a Pátria Espiritual no dia 13 de maio de 2025, e sentimos, com a sensibilidade de quem o ama, o peso da ausência de sua presença física entre nós. Sentiremos falta de sua voz serena que tanto nos consolava, de seu olhar compassivo que penetrava as dores mais íntimas, de suas mãos que se estendiam sempre

para acolher, orientar e erguer. Mas não há luto onde há gratidão. Não há despedida onde há imortalidade. Sabemos, com a certeza que a Doutrina Espírita nos oferece, que Divaldo segue vivo, mais livre e luminoso, agora em espírito, sustentando com amor o trabalho que sempre foi seu: fazer florescer a árvore do Evangelho, para que seus frutos de paz, solidariedade e fraternidade alimentem todas as partes do nosso planeta.

Pioneiro incansável, seus passos marcaram a Terra em mais de 70 países, nos cinco continentes. Seus dias foram preenchidos por aeroportos, ônibus, trens, salas de conferência e templos de todas as crenças, onde levou a mensagem de consolo e renovação. Cada cidade que o recebeu foi testemunha de sua jovialidade contagiante, sempre aliada à maturidade de um espírito cuja missão ultrapassava limites humanos.

Para Divaldo, o número de ouvintes nunca importava: fosse para dois ou para dois mil, seu entusiasmo era o mesmo, sua entrega total. Não havia sinais de cansaço, mesmo após viagens extenuantes de até 48 horas. As línguas jamais foram barreiras — porque, como ele próprio dizia com humildade, falava a linguagem universal do amor. Quem o ouviu, jamais esqueceu o impacto de suas palavras, penetrantes e doces, e a energia amorosa que dele emanava.

Como um dos grandes incentivadores do movimento espírita mundial, Divaldo foi peça essencial na criação do Conselho Espírita Internacional (CEI) em 1992. Presente desde o primeiro Congresso Espírita Mundial, em Brasília, Brasil (1998), sua presença se repetiu em todos os demais:



Portugal (duas edições), Guatemala, França (duas edições), Colômbia, Espanha, Cuba e México. Em cada evento, sua voz ergueu-se como um chamado à união e ao trabalho fraterno, fortalecendo laços e inspirando gerações a prosseguir na seara do bem.

Com a mesma alegria de sempre, ele havia aceitado participar do 11º Congresso Espírita Mundial no Uruguai, em 2025. Hoje, sabemos que, embora não possamos mais contar com seu abraço caloroso e sua presença física, ele estará ali, em espírito, irradiando a mesma luz que sempre nos guiou. Sua vida foi, e continuará sendo, um farol para todos nós, indicando o caminho seguro da fé, da caridade e do amor universal.

Divaldo não apenas falou de amor — ele foi a personificação do amor em movimento. Ele viveu para servir e partiu servindo. E, assim, seguirá conosco, nas assembleias do CEI, nos congressos, nas casas espíritas, nos corações de todos aqueles que encontraram consolo e esperança em suas palavras.

Que a memória de Divaldo Pereira Franco seja para nós fonte de inspiração constante, para que possamos dar continuidade à sua obra, sustentando com coragem e dedicação a missão de espalhar a mensagem de Jesus até os confins da Terra. Porque ele nos ensinou, com sua própria vida, que o amor é a força mais poderosa do universo.

CEI

Conselho Espírita Internacional

Homenagem



Um dia, nosso Di silenciou,
E o sopro da vida, suave, se dissipou.
Tomado de infinita compaixão,
Jesus desceu e lhe estendeu a mão.

Em forma de doce oração,
Agradeceu com o mais puro coração:
Pelos pobres que aqueceste,
Pelos bens e pelo pão
Que com alma serena ofereceste;
Pela compaixão que em teu peito flo-
resceu,
E pelo amor que jamais se esqueceu.

A todos soubeste abrigar,
Com palavras a consolar,
Com as mãos a acariciar,
Transformando dor em esperança,
E lágrimas em bonança.

Agora, é tua vez... vem comigo,
Que te darei o meu abrigo.
Estarei ao teu lado, amigo,
Neste instante tão sensível,
E na luz te conduzirei,
Para viver como um iluminado rei.

Um discípulo de ti farei,
E onde estiver, sempre por ti velarei.
Vem, vem, amado servidor,
Que suportaste toda a dor,
E, mesmo assim, em teu esplendor,
Seguiste a semear o amor.

Alguns vídeos da presença de Divaldo nos Congressos Mundiais e outros realizados pelo CEI:

Mensagem de Divaldo ao CEI

<https://www.youtube.com/watch?v=n-QwnheKMFUk>

Mensagem de Divaldo Franco ao Conselho Espírita Internacional no âmbito do "Primer Enquentro Virtual - Un Paseo por la Historia Espírita en Latinoamérica."

<https://www.youtube.com/watch?v=n-QwnheKMFUk>

1 Congresso Espírita Mundial Brasília 1995

<https://www.youtube.com/watch?v=gzqKqFEYSu8>

4 Conferencia em Paris Congresso 2004

<https://www.youtube.com/watch?v=d-N6e-DbAse8>

<https://www.youtube.com/watch?v=RzuzMwutbQo>

Conferencias del 6º Congreso Espírita Mundial

<https://www.youtube.com/playlist?list=t=PL8593A2E798CAA9B0>

https://www.youtube.com/watch?v=q_19NuE7fWY&list=PL8593A2E-798CAA9B0

8 Congresso em Portugal

<https://www.youtube.com/watch?v=2xkCdILZ8B8>

https://www.youtube.com/watch?v=-CM5vVbdd_PQ

9 Conferência No Congresso Mundial Mexico 2019

<https://www.youtube.com/watch?v=a-gomodlhOjg>

10 Congresso Espírita Mundial França (Virtual) 2022 (Divaldo a partir do minuto 35)

https://www.youtube.com/watch?v=_ld1Hqomu4k



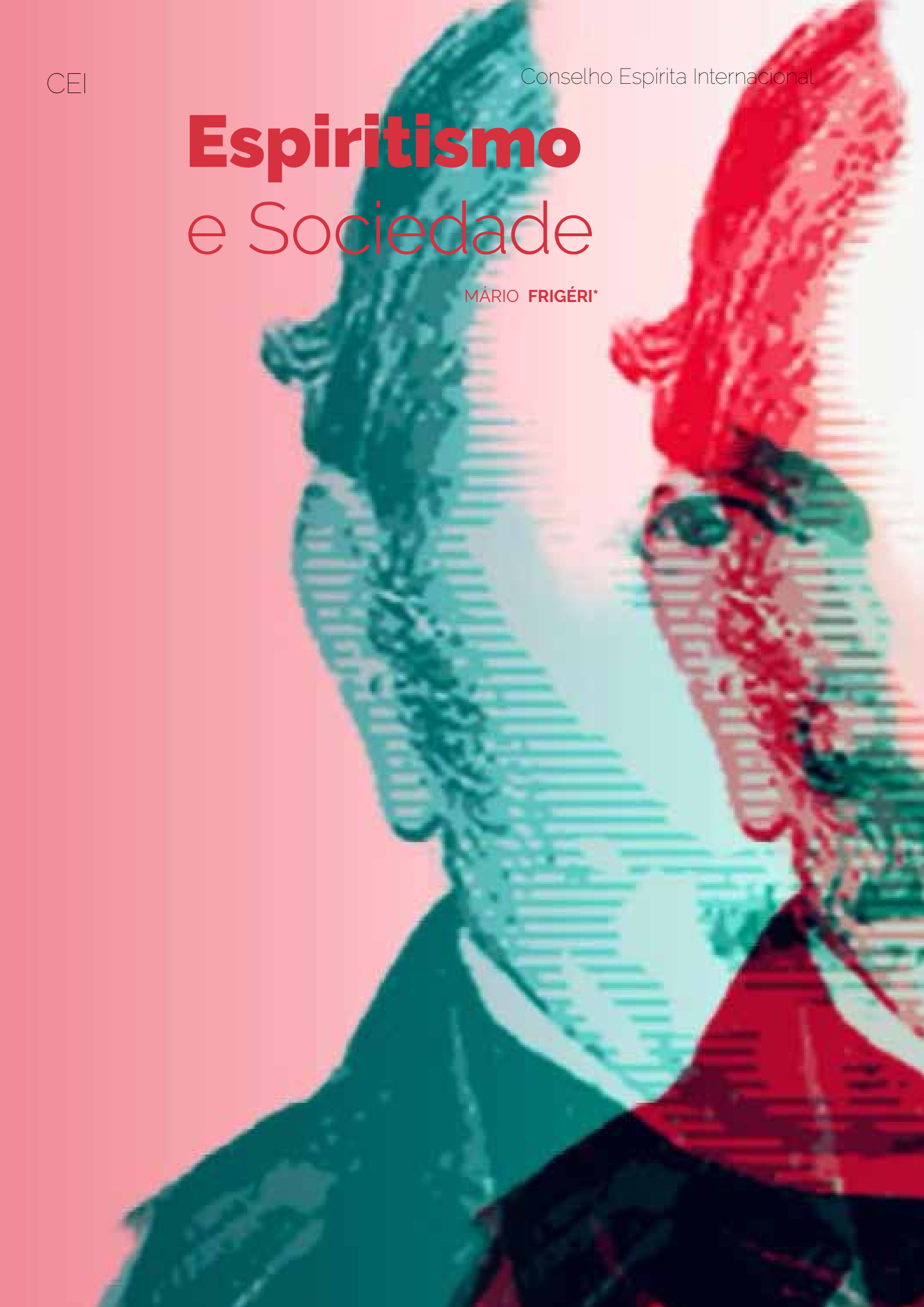
Obrigado,
Senhor,
pela
minha
voz

CEI

Conselho Espírita Internacional

Espiritismo e Sociedade

MÁRIO FRIGÉRI*



Carta ao Movimento Espírita





**Cada espírita tem
a responsabilidade
de contribuir para o
fortalecimento do
Movimento**

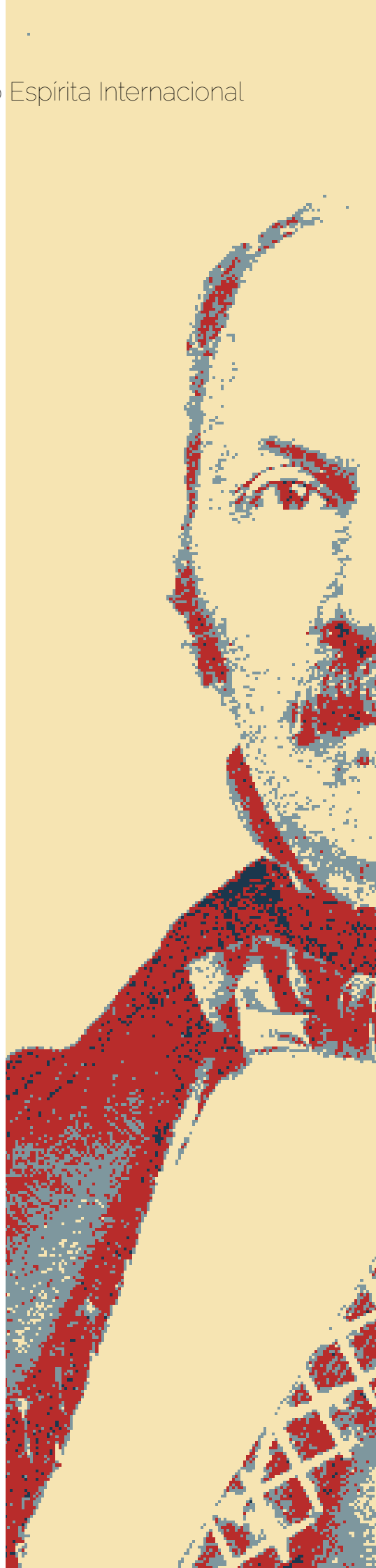


***Mário Frigéri** é poeta e escritor pelo coração e operador do Direito por profissão. É paulista de Nuporanga, onde nasceu em 1945, e reside atualmente em Campinas/SP. Conheceu a Doutrina Espírita aos 15 anos. Tem oito livros publicados (três pela Editora da FEB) e escreve regularmente para diversas revistas, entre elas o Reformador. frigerimario@gmail.com

Resumo

Escrevemos este artigo para refletir, juntamente com os irmãos do Movimento Espírita, sobre nossas atividades atuais, honrando o legado de Kardec e reforçando nosso compromisso com a verdade e a caridade. O objetivo é incentivar a todos para que nossas ações continuem promovendo um Espiritismo vibrante, unido e fiel aos princípios cristãos, trabalhando incansavelmente por uma Doutrina mais coesa e expandida e por um mundo mais conscientizado e feliz.

Palavras-chave: Movimento Espírita. Compreensão. Divulgação.





**O Movimento
Espírita,
nascido da
genialidade
e do esforço de
Allan Kardec**

CEI

Conselho Espírita Internacional





by S. Barros. Letter to the Spiritist Movement Revue Spirite N21 (2025)

stimados irmãos,

O Movimento Espírita, nascido da genialidade e do esforço de Allan Kardec, tem sido uma luz e um guia para nós e para milhões de pessoas ao redor do mundo. Ao longo de um século e meio, suas ideias e princípios têm iluminado consciências, promovendo o bem, a caridade e a busca pelo conhecimento espiritual.

Kardec, com sua metodologia rigorosa e espírito investigativo, lançou as bases para uma nova era de entendimento sobre a vida, a morte e a espiritualidade. Seu trabalho incansável na Sociedade Espírita de Paris e seus escritos, especialmente na *Revue Spirite*, moldaram o Espiritismo como o conhecemos hoje, proporcionando uma fonte inesgotável de sabedoria e orientação.

CEI

Comunidade Espírita Internacional



Uma nova era de entendimento sobre a vida, a morte e a espiritualidade

Sua trajetória no Espiritismo começou em 1855, quando ouviu pela primeira vez falar das mesas girantes e das comunicações espirituais. Cético por natureza e de formação científica, decidiu investigar esses fenômenos com rigor e seriedade. Em 18 de abril de 1857 publicou *O Livro dos Espíritos*, resultado de pacientes e constantes diálogos com os Espíritos através de diversos médiuns. Esse marco inicial foi apenas o começo de uma jornada repleta de desafios. Kardec enfrentou resistência e oposição da Igreja e de setores conservadores da sociedade, que viam o Espiritismo como ameaça às suas crenças estabelecidas. Mesmo diante dessas adversidades, manteve sua postura ética e científica, continuando suas pesquisas e publicando, em sequência, importantes obras como *O Livro dos Médiuns*, *O Evangelho segundo o Espiritismo*, *O Céu e o Inferno* e *A Gênese*. Cada uma dessas obras contribuía progressivamente para a consolidação do Espiritismo como Doutrina inovadora e coerente.

Ao longo dos anos, trabalhou de forma incansável para difundir e organizar o Espiritismo. Fundou a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, que se tornou centro de estudos e debates sobre os fenômenos espirituais. Além disso, editou a *Revue*, periódico mensal que serviu como fórum para a discussão e divulgação das ideias que se tornaram a razão de sua vida. Através dessas iniciativas, conseguiu atrair número imensurável de adeptos e simpatizantes, fortalecendo a base do Movimento Espirita. Mesmo enfrentando problemas de saúde e dificuldades financeiras, nunca desistiu de sua missão. Sua dedicação e resiliência permitiram que o Espiritismo se estabelecesse de forma consistente na França e se espalhasse por outros países. Quando desencarnou em 1869, deixou um legado robusto, com a Doutrina Espirita bem alicerçada e reconhecida mundialmente como fonte de luz e esperança para milhões de pessoas.

O Movimento Espírita naquele tempo

Em 1857, com a publicação de sua obra-máter, deu início ao que viria a ser uma revolução espiritual. A fundação da Sociedade em 1858 proporcionou espaço acolhedor para debates, estudos e a consolidação das ideias espíritas. Foi período de intensos trabalhos e descobertas.

Durante esse tempo, Kardec e seus colaboradores enfrentaram inúmeros desafios, desde o ceticismo e a oposição de setores conservadores até as dificuldades inerentes à divulgação da nova Doutrina. No entanto, o espírito de compreensão e a determinação prevaleceram, permitindo que o Espiritismo se estabelecesse como poderosa e iluminadora filosofia de vida.

Para Kardec, o Espiritismo era uma crença e, ao mesmo tempo, uma ciência que estudava a natureza espiritual do homem, uma filosofia que proporcionava respostas às questões existenciais e uma religião que promovia a moralidade e a caridade. Ele via naquela Doutrina nascente o caminho para a evolução espiritual da Humanidade.

O Movimento Espírita *post mortem*

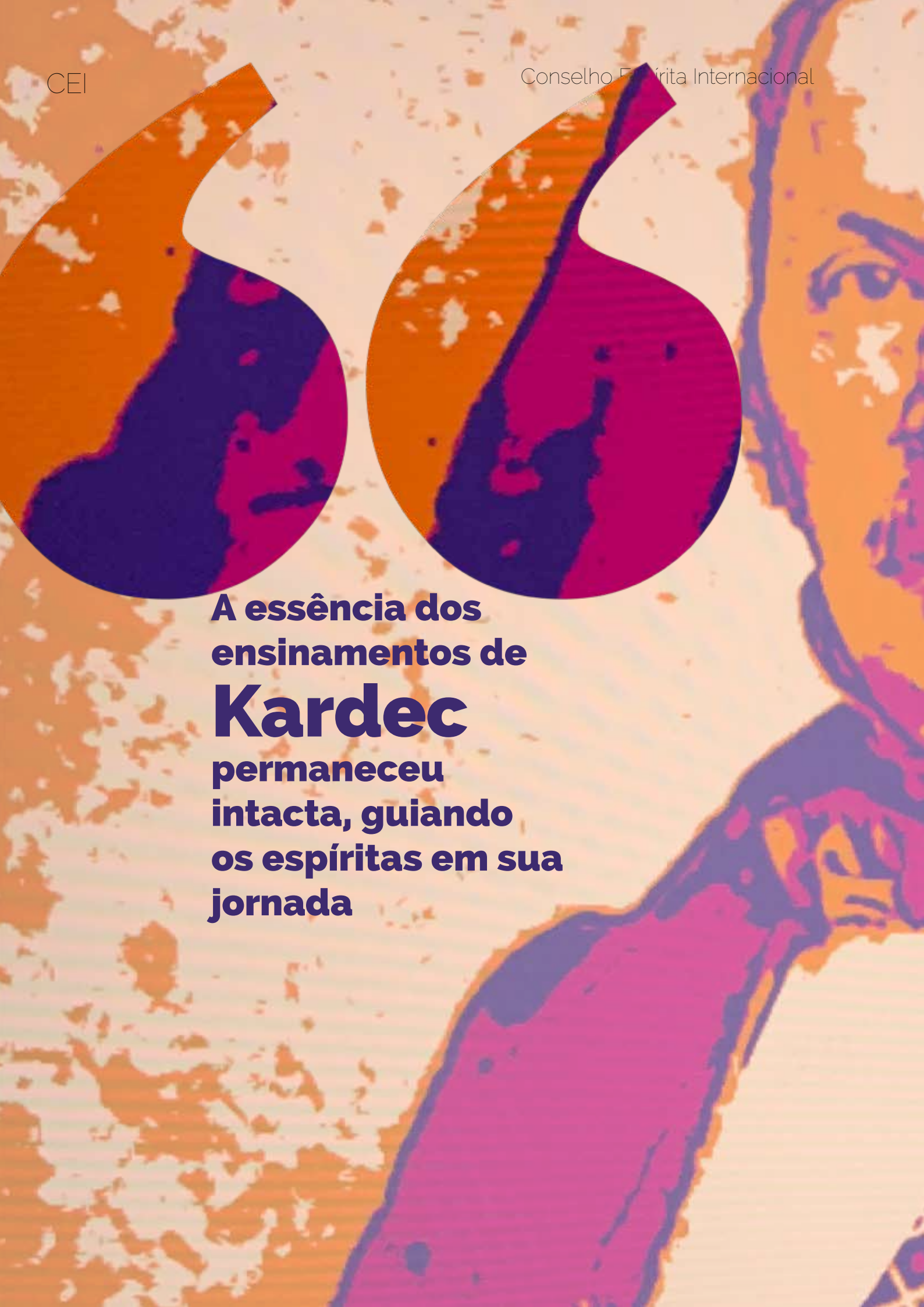
Após a desencarnação do Codificador, o Movimento continuou a crescer, sem pressa mas de forma contínua, e a se espalhar pelo mundo. Seus principais discípulos e seguidores, em várias nações, desempenharam papéis de relevo na continuidade e expansão do Espiritismo.

Eventos marcantes, como os Congressos Espíritas Internacionais, e figuras de grande destaque em vários países contribuíram efetivamente para a difusão daquele novo ideário. Essas personalidades ajudaram a consolidar o Movimento e a ampliar sua influência global.





**Abnegação
genuína, onde
o indivíduo
coloca o bem
comum acima
de interesses
pessoais**



**A essência dos
ensinamentos de
Kardec
permaneceu
intacta, guiando
os espíritas em sua
jornada**

O Movimento enfrentou desafios consideráveis ao longo dos anos, incluindo divergências internas, a necessidade de adaptar-se a diferentes contextos culturais e a persistente resistência de algumas partes da sociedade. No entanto, a essência dos ensinamentos de Kardec permaneceu intacta, guiando os espíritas em sua jornada.

O Movimento Espírita hoje

Atualmente, e sem estardalhaço, ele está presente em todos os continentes, com centros espíritas, grupos de estudo e obras de caridade atuando em diversas frentes. Em países como Brasil, Portugal, França e Estados Unidos, o Espiritismo tem uma presença especialmente forte, com milhares de adeptos.

As realizações contemporâneas do Movimento são numerosas, desde a publicação de obras literárias e científicas até a organização de eventos e congressos que promovem o intercâmbio de ideias. A caridade continua a ser pilar fundamental, com inúmeras iniciativas voltadas para a ajuda aos necessitados.

No entanto, ele também enfrenta alguns desafios no mundo moderno. A necessidade de adaptar-se às novas tecnologias, a integração com outras áreas do conhecimento e a manutenção da integridade dos ensinamentos de Kardec são questões fundamentais que demandam atenção e esforço contínuo.

O que é esse Movimento

Quando falamos em Espiritismo e em Movimento Espírita, ambos de âmbito planetário na atualidade, estamos nos repetindo e falando da mesma coisa. O Movimento haure sua força nos princípios do Espiritismo e entre suas qualificações fundamentais, sem a pretensão de exaurimento, podem ser mencionadas as quinze seguintes:

1. É O AMOR DO BEM

O Espiritismo é, em sua essência, o amor do bem. Esse amor se manifesta pela busca constante de práticas que promovem o bem-estar e a felicidade do próximo. Ele implica abnegação genuína, onde o indivíduo coloca o bem comum acima de interesses pessoais. Essa prática envolve renúncia a sentimentos negativos como inveja e ciúme, substituindo-os por um profundo desejo de ajudar e elevar os outros. Pede o cultivo de um coração puro, voltado para a bondade e a generosidade, transformando-se em exemplo de virtude e altruísmo.

2. É A CARIDADE EM MARCHA

Em seu coração reside a caridade, que é a essência de todos os deveres humanos. A caridade, segundo a Doutrina, é um ato de dar e um estado de ser que envolve compreensão, empatia e apoio constante ao próximo. Ele ensina o ser humano a vivenciar a caridade diariamente, em pensamentos, palavras e ações, e a estender a mão aos necessitados, consolar os aflitos e estar presente na vida dos que sofrem. A verdadeira caridade espírita é um fluxo contínuo e incansável em direção ao amor ao próximo, sem esperar recompensas ou reconhecimento.

3. É ESTADO DE FELICIDADE

Ele proporciona um estado de felicidade ao ser compreendido em sua verdadeira essência. Ao oferecer respostas às questões existenciais e um propósito maior para a vida, toca na corda mais sensível do ser pensante: a busca pela felicidade. Essa felicidade consiste em uma promessa futura e também em algo que pode ser experimentado aqui e agora, através da prática do bem e da vivência das virtudes espirituais. A paz interior e a alegria que resultam

do entendimento e da prática espírita geram reação circular, promovendo um estado de bem-estar que se espalha entre todos os que adotam esses princípios.

4. É A PREDESTINÇÃO DA BONDADADE

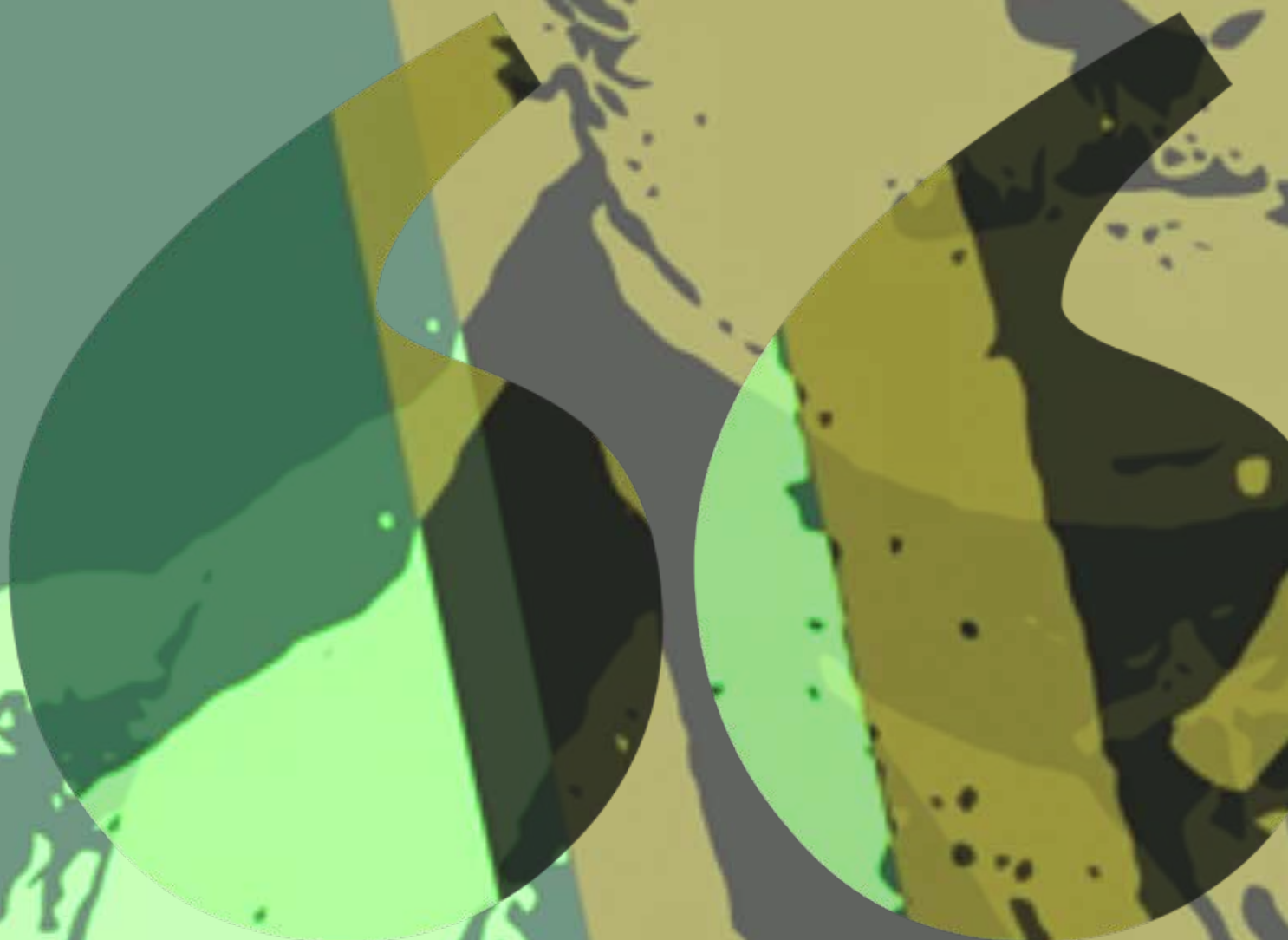
Ele é visto como Doutrina que conduz à bondade naturalmente. Sua filosofia incentiva a transformação interior, levando cada indivíduo a tornar-se pessoa do bem. Para um incrédulo que conhece apenas os princípios filosóficos do Espiritismo, fica evidente que seguir esses ensinamentos torna inevitável a prática do amor ao próximo. Essa Doutrina, ao promover valores como justiça, fraternidade e compaixão, esculpe seres humanos mais conscientes de suas responsabilidades morais e sociais, fazendo com que a bondade seja consequência natural de seu aprendizado e prática.

5. É O CRISTIANISMO SEM DISTORÇÕES

Ele representa o Cristianismo na plenitude de seus predicados originais, livre das distorções que o tempo e os homens lhe impuseram. Adapta os ensinamentos de Jesus ao desenvolvimento da inteligência humana, oferecendo interpretação racional e coerente das verdades espirituais. Ao focar na essência dos ensinamentos cristãos, sem os abusos e dogmas que muitas vezes obscureceram sua mensagem, cresce mesmo sob perseguição. Sua força reside na Verdade universal que propaga, convidando todos a entendimento mais profundo e genuíno da mensagem de amor e redenção do Cristo.

6. É PRESENÇA VIVA NO HOMEM

É presença viva dentro de cada ser humano. Seus princípios são tão racionais e universais que



Promover
valores como justiça,
fraternidade e
compaixão, esculpe
seres humanos mais
conscientes de suas
responsabilidades
morais e sociais

CEI

Conselho Espírita Internacional



**Um Movimento
inclusivo e amoroso,
onde todos são
bem-vindos e
respeitados**

encontram ressonância em inúmeras mentes e corações, mesmo que de forma involuntária. Ao tocar em questões essenciais da existência humana, permeia o pensamento e a espiritualidade das pessoas. Convida à introspecção profunda e natural, que desperta a espiritualidade inerente a todos nós. Mesmo aqueles que não se consideram espíritas podem, sem o perceber, estar praticando esses princípios em suas vidas diárias, devido à sua profunda racionalidade e universalidade.

7. É LEI DA NATUREZA

Ele não é mera teoria ou sistema filosófico que possa ser combatido por outro sistema similar. Repousa sobre uma lei fundamental da Natureza e prossegue em sua marcha regular, assim como ocorre com o movimento da Terra em torno do Sol. Essa base natural confere-lhe uma solidez que paira acima de debates e refutações teóricas. Revela verdades universais sobre a vida e o Além, ancoradas em fenômenos naturais observáveis e experimentáveis. Assim, apresenta-se como ciência da alma, fundamentada em princípios imutáveis e eternos que regem a existência humana.

8. É CIÊNCIA QUE EXIGE DEDICAÇÃO

Assim como qualquer outra ciência, requer estudo e dedicação para ser compreendido em sua plenitude. Não pode ser aprendido de improviso, superficialmente, ou sem esforço, por osmose. Seu conhecimento demanda abordagem séria e metódica, onde a pesquisa, o estudo constante e a reflexão são essenciais. Ser espírita é embarcar em jornada de aprendizado contínuo, explorando as profundezas da ciência espiritual com o mesmo rigor e seriedade

dedicados às ciências materiais, reconhecendo a complexidade e a profundidade das leis da alma.

9. É TRABALHO CONSTANTE

Envolve trabalho contínuo e incansável. Não basta receber os ensinamentos espirituais. São necessárias quatro coisas: refletir profundamente sobre eles, trabalhar dentro de si, mental e cordialmente, para compreendê-los e, finalmente, após os haver assimilado, praticá-los. Cada lição recebida é apenas o começo de uma jornada de introspecção e prática. Seu verdadeiro proficiente se dedica a transformar o conhecimento adquirido em sabedoria vivida, esforçando-se diariamente para aplicar esses princípios em sua vida. Esse trabalho constante é que permite a verdadeira transformação interior do ser, com a compreensão e integração de seus ensinamentos no cotidiano.

10. É ENSINO UNIVERSAL

Distingue-se de outras filosofias e religiões por seu caráter assectário e universal. Não é produto da concepção de um único indivíduo, mas resulta de ensino coletivo e universal, ao alcance de todos em qualquer parte do mundo. Essa universalidade confere-lhe força única e onipresente, pois seus ensinamentos são corroborados por múltiplas fontes espirituais em diversas culturas e contextos. O controle universal dos ensinamentos espirituais assegura a unidade da Doutrina com mais eficácia do que qualquer concílio humano. Essa característica ausência de fronteiras faz do Espiritismo filosofia aberta e acessível, que acolhe e integra a diversidade das experiências espirituais globais.

11. É DOCTRINA INSUBSTITUÍVEL

É Doutrina que se mantém inabalável ante as críticas e oposição, pois oferece respostas lógicas e satisfatórias às questões mais profundas da existência humana. Aqueles que tentaram combatê-lo apenas reforçaram, sem o perceber, sua relevância ao despertar a curiosidade e o interesse das pessoas por ele. Sua força reside na solidez de seus ensinamentos e na felicidade que proporciona ao homem, tornando-se, destarte, insubstituível por qualquer outra filosofia ou crença, sem nenhum desdouro por elas. É desafiador encontrar algo que ofereça compreensão mais completa e solução mais lógica para as questões espirituais que ele aborda.

12. É NORMA QUE NÃO CONFRONTA

Adota postura de respeito e conciliação, descartando qualquer confrontação direta com outras crenças ou indivíduos. Busca exaltar o que há de positivo e verdadeiro em todas as tradições e filosofias, promovendo franco espírito de fraternidade e entendimento mútuo. Ao invés de criticar ou denegrir outras opiniões, prima por destacar os valores universais que unem a Humanidade, promovendo a paz e a harmonia. Essa atitude de respeito e reconhecimento reflete a essência caridosa e amorosa de sua Doutrina, que visa à elevação moral e espiritual de todos.

13. É PRESENÇA QUE CONFORTA

Oferece profundo consolo ao convidar os espíritas a projetar seus pensamentos para o futuro, promovendo uma visão de longo prazo que diminui as angústias do presente. Ensina que as dificuldades e preocupações atuais são transitórias e que a verdadeira importância

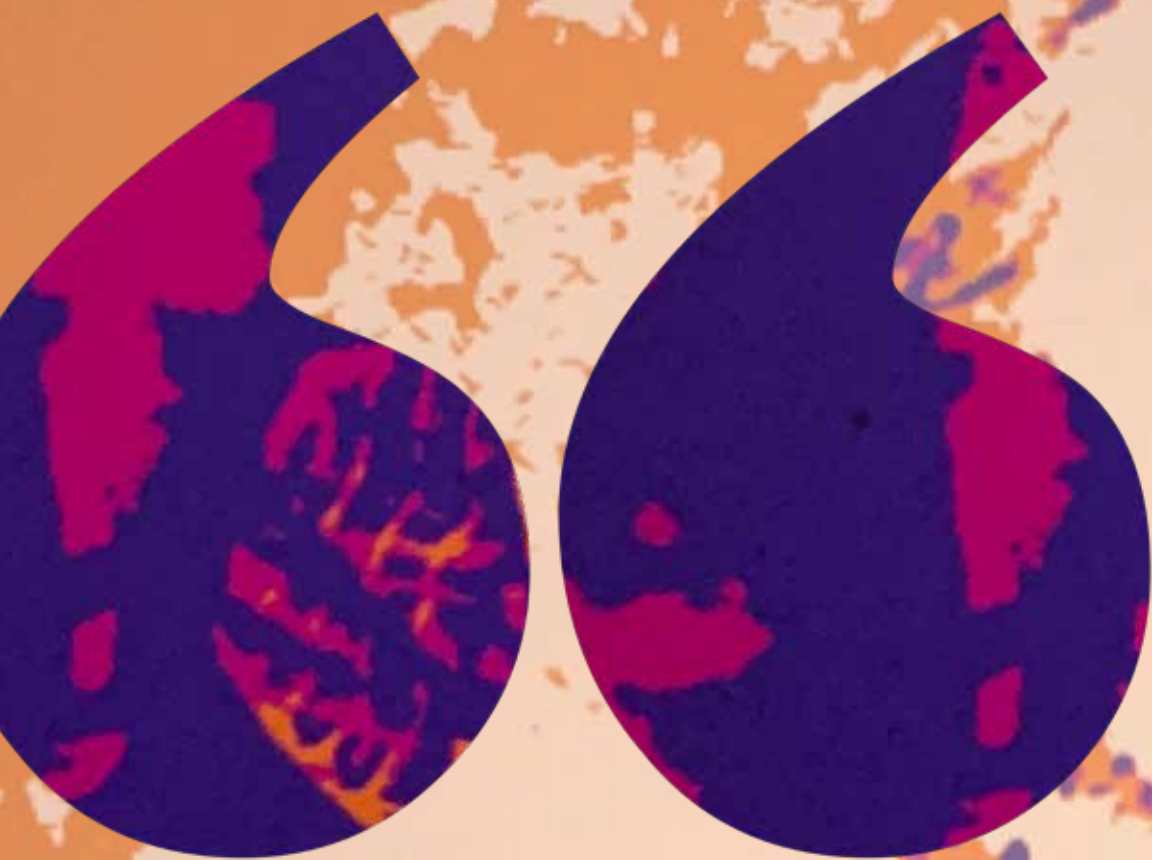
reside no futuro, que é moldado pelas ações e escolhas de hoje. Esse foco no porvir proporciona conforto e esperança, ajudando os indivíduos a lidar com os desafios imediatos sob o manto da serenidade e da confiança. Assim, conforta as almas ao inspirar uma perspectiva otimista e superlativa da vida.

14. É FUTURO DE IMPONENTE UNIDADE

Prevê um futuro de admirável harmonia e unificação, onde os verdadeiros servidores de Deus serão reconhecidos por sua coragem, firmeza e perseverança. A Doutrina enfrentará provas e conflitos de ideias, mas essas dificuldades servirão para fortalecer a convicção e a determinação dos espíritas. A unidade imponente da Doutrina será força poderosa, resultante da coesão e da fidelidade de seus adeptos. Esse futuro promissor é construído sobre a base sólida de princípios espirituais e morais que resistem às adversidades e emergem ainda mais fortes diante dos desafios.

15. É MOVIMENTO QUE O CRISTO PRESIDE

É, finalmente, guiado pelos princípios morais e espirituais ensinados por Jesus Cristo, colocando a fraternidade e a humildade como bases essenciais de sua prática. Sua supremacia é exclusivamente moral, refletida na adesão espontânea e sincera daqueles que compartilham sua visão. Não há poder oficial ou privilégio reivindicado pelos espíritas. A única distinção colimada é a de irmãos em crença. Essa igualdade e simplicidade refletem a essência do ensinamento cristão, promovendo um Movimento inclusivo e amoroso, onde todos são bem-vindos e respeitados.



**A unidade
imponente da
Doutrina será
força poderosa,
resultante da
coesão e da
fidelidade de seus
adeptos**



**A união e a
cooperação entre
os espíritas são
fundamentais para
superar os desafios e
alcançar os objetivos
comuns**

Palavras finais

Honrar, portanto, o legado de Kardec significa mais do que reverenciar sua memória; implica continuar seu trabalho com dedicação e amor. É essencial que os espíritas de hoje se esforcem para manter viva a chama do Espiritismo, promovendo o estudo, a moralidade e a caridade em todas as suas ações.

Cada espírita tem a responsabilidade de contribuir para o fortalecimento do Movimento, oferecendo o melhor de si e trabalhando em prol de um mundo mais justo e salutar. A união e a cooperação entre os espíritas são fundamentais para superar os desafios e alcançar os objetivos comuns.

Que a luz do Espiritismo continue a brilhar intensamente, iluminando mentes e corações. Com o esforço coletivo e a inspiração dos Espíritos superiores, podemos construir um futuro onde a paz, a fraternidade e a evolução espiritual se transformem em realidade para toda a espécie humana.

Eis o grande desafio que o Espírito Verdade coloca hoje diante de cada um de nós. Espiritismo e Movimento Espírita progredirão cada vez mais na razão direta da compreensão que o mundo tiver de sua essência divina. O segredo de sua propagação está em dar ao homem a chave da felicidade, que é a razão principal da existência humana. E é esse também o segredo que fará a ambos triunfar, abrindo à Humanidade, de par em par, as portas do Novo Céu e da Nova Terra que hão de vir.

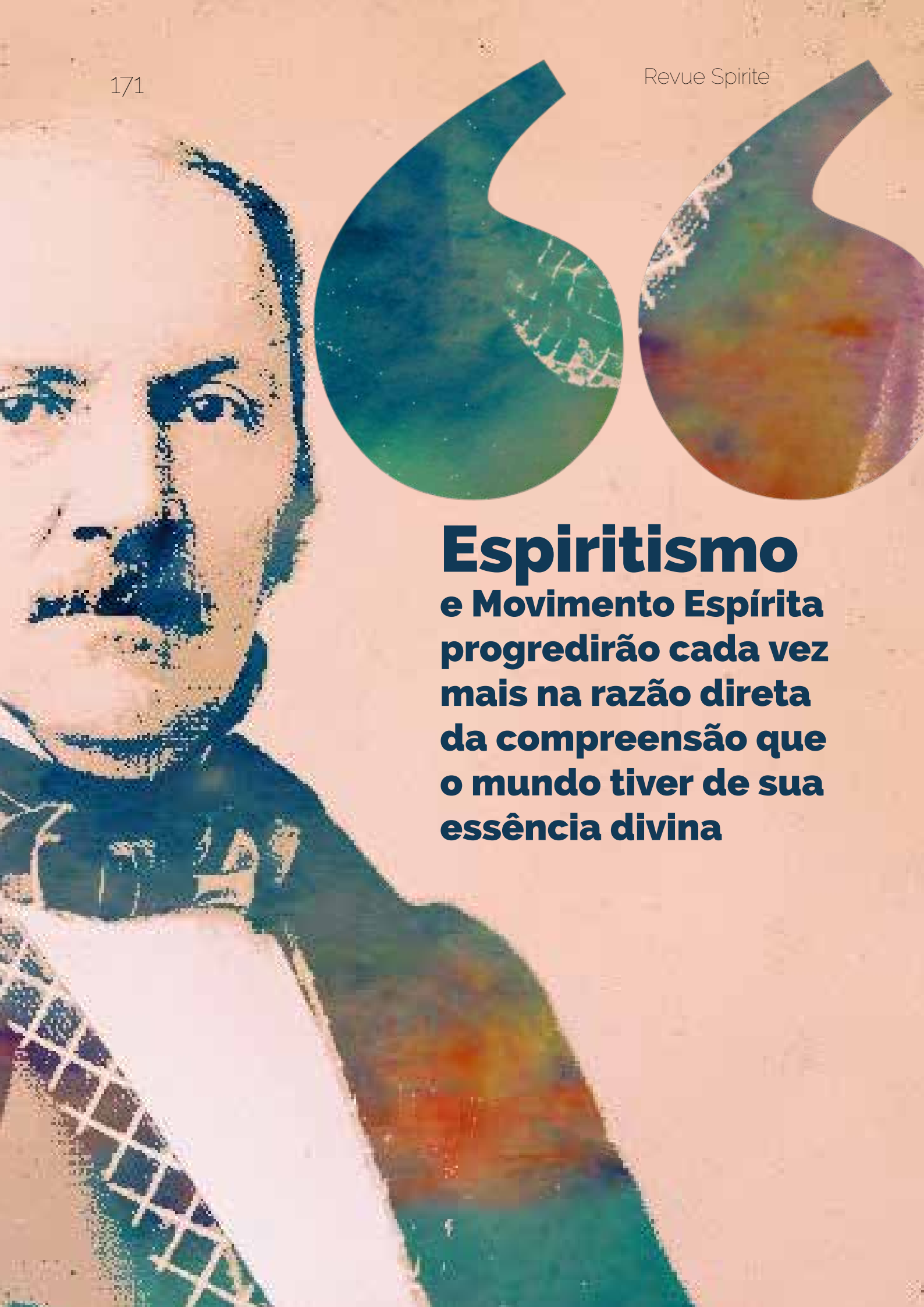
É isso. Mãos à obra! Não é hora de quedar estuporado diante da grandeza sem-par de nossa Doutrina. É preciso transformar o teórico em prático, colocando na alma de cada ser humano o que Deus colocou gratuitamente em nosso coração. Todos os que se abalançarem a essa tarefa hão de receber a cento por um de Nosso Senhor Jesus Cristo, e a gratidão infinita de seu extremado estafeta neste mundo – Allan Kardec. Esta é a nossa cordial mensagem aos estimados irmãos do Movimento Espírita mundial. Paz, amor e luz para todos.

Nota do Autor:

Escrevemos este artigo após a releitura meditada do livro *Instruções de Allan Kardec ao Movimento Espírita*, organizado por nosso amigo Evandro Noletto Bezerra, tradutor das obras de Kardec e Editor de Reformador, mensário da FEB.

by S. Barros. Letter to the Spiritist Movement Revue Spirite N21 (2025)





**Espiritismo
e Movimento Espírita
progredirão cada vez
mais na razão direta
da compreensão que
o mundo tiver de sua
essência divina**

CEI

Conselho Espírita Internacional

Momento Espírita®



Redação do Momento Espírita

Sem desistência para o bem



**Legiões de
pessoas praticam
o bem, a
ética, a moral,
silenciosamente**



Somos muitos aqueles que caminham pela vida tentando ser pessoas melhores.

Refletimos sobre nossas ações, pensamos sobre como agir corretamente, elegendo a melhor opção.

Buscamos auxiliar o próximo, voluntariamo-nos em causas que, acreditamos, contribuem de forma positiva na sociedade.

Somos os que nos preocupamos em preservar o meio ambiente, alterando hábitos de consumo, reciclando o lixo e não desperdiçando recursos naturais.

Porém, há dias em que nos questionamos se tudo isso não se resume em perda de tempo, esforço inglório e inútil.

Olhamos as notícias e vemos os mais variados disparates.

Golpes frequentes nas redes sociais, usando valiosos recursos intelectuais e tecnologia para usurpar bens do semelhante, especialmente dos mais vulneráveis.

As loucuras grassam nos lares, com filhos e pais se digladiando moral e fisicamente, por dinheiro, heranças e bens materiais.

Crimes e criminosos caminham ao nosso lado, seja nas ruas utilizando armas, seja nos escritórios elegantes, aplicando imensos golpes financeiros.

E isso tudo nos remete ao pensamento de que, talvez, não valha a pena ser ético, correto e bom.

O mundo nos parece um corcel desgovernado. Um panorama no qual os maus vencem sempre e o mundo lhes pertence.

No entanto, essa é apenas uma impressão passageira de um mundo em transição, em mudança.

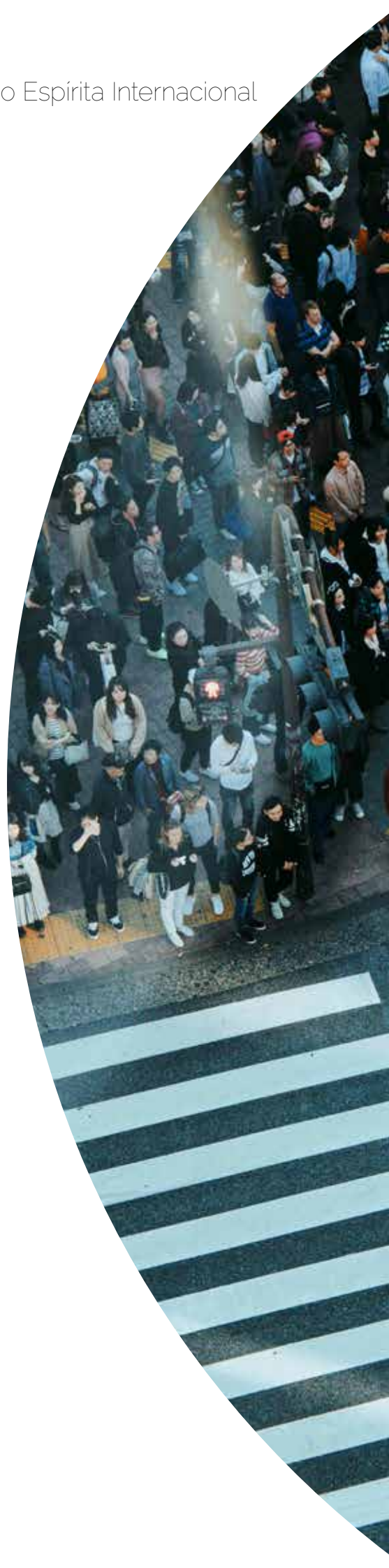
Vivemos a natural crise ética e moral de uma civilização cansada do que a conduziu até aqui e se encontra na busca de novos valores.

É natural que, nesses momentos, os maus, não desejando mudanças nem a melhora do planeta, atuem com mais vigor e intensidade.

Talvez eles tenham medo de que logo mais já não encontrem espaço para as suas maldades.

Por isso, vemos tanta loucura trafegar por todos os meios sociais, políticos e religiosos da nossa sociedade.

São os estertores de uma era que chega ao fim.





A nobreza de
caráter será
exigida em todos
os painéis da
sociedade



**Permanecer
no bem é ser
referência**

Por enquanto, temos a impressão de que somos a minoria os que nos esforçamos pelo bem e pela ética.

E nos parece sermos tão poucos os que nos esforçamos porque desejamos, ardentemente, uma sociedade mais justa e inclusiva.

Mas é mera impressão.

Isso apenas acontece porque os maus são barulhentos, ousados. Porque o escândalo que provocam choca e impacta.

Enquanto isso, legiões de pessoas praticam o bem, a ética, a moral, silenciosamente, em seus lares, em suas empresas, em seus templos, em seu lazer.

Por isso, não desistamos da nossa ânsia de sermos melhores.

Mesmo quando nos alcancem os desonestos, os indignos e os cruéis, permaneçamos no nosso propósito.

Persistamos para ver, lenta mas continuamente, a paisagem moral do nosso planeta ir se modificando.

E, quando menos esperarmos, verificaremos que a maldade será a exceção, a corrupção não será admitida, a nobreza de caráter será exigida em todos os painéis da sociedade.

Não nos deixemos abater por esses momentos passageiros de loucura e insensatez, pelos quais ainda transita uma parte da Humanidade.

Permanecer no bem é ser referência para aqueles que aos poucos desejarão seguir conosco, imitando-nos.

Não desistamos do bem.



Entre vista Marcial **Barros**



**O Espiritismo
alcançará o seu
objetivo de auxiliar
a humanidade
a atingir novos
patamares de
moralidade**

Neste Número entrevistamos Marcial Barros, atual coordenador da Área de Comunicação Social Espírita do CEI e da Área de Comunicação, Tecnologia e Divulgação da FEP - Federação Espírita Portuguesa. É ainda dirigente da associação NO INVISÍVEL – Estudos e Divulgação Espírita, Lisboa.

Espírita desde a infância, tem uma longa experiência na divulgação do pensamento espírita, tanto em Portugal como a nível internacional.

Gostaríamos de explorar, nesta entrevista, os fundamentos da Comunicação Social Espírita (CSE) e os seus desafios e aplicações no cenário internacional. Partindo das suas três funções principais: evangelizadora, integradora e mediática, poderias começar por nos falar um pouco da ação da CSE na sua função evangelizadora?

O primeiro conceito que convém estabelecer, até porque serve de bússola para tudo o que nos propomos fazer, é o próprio conceito de Comunicação Social Espírita (CSE), que evolui do conhecimento das ferramentas e problemáticas próprias da Comunicação Social para a perspetiva que o conhecimento espírita nos compele a ter em todas as nossas atividades. A função evangelizadora propõe-se contribuir, através do cuidado na realização das diferentes peças de comunicação, para transmitir a mensagem de Jesus, conforme foi legada pelo conjunto de Espí-

ritos superiores que colaboraram com Kardec na Codificação Espírita. Uma mensagem que pela sua racionalidade e por transcender as barreiras da matéria já não necessita de recorrer a figuras materiais ou amuletos para se fixar no íntimo de cada um. Uma mensagem libertadora, fundada no respeito para com todos e para com todos os entendimentos, ainda que diferentes dos nossos, universalista, benevolente e indulgente. A CSE tem como finalidade criar as condições para um diálogo fraterno entre aquele que emite a mensagem (emissor) e o interlocutor (recetor), tornar comuns o conhecimento espírita, as notícias e dados de interesse do Movimento Espírita, às instituições e ao público em geral. Dessa forma, a mensagem esclarecedora e consoladora do Espiritismo alcançará o seu objetivo de auxiliar a humanidade a atingir novos patamares de moralidade, mais harmonizada com as Leis Divinas.



Linguagem e imagem simples não são sinónimos de conteúdos simples

De que forma a linguagem da comunicação espírita pode ser simultaneamente acessível e fiel à profundidade doutrinária?

Essa é atualmente uma das maiores dificuldades dos muitos atores de divulgação espírita no mundo. Sob o pretexto de facilitar às massas o entendimento dos conceitos espíritas, podemos enveredar pela utilização de uma linguagem menos cuidada, irrefletida ou desprovida da argumentação que o conhecimento espírita nos permite articular. Todos nos lembramos de que a Doutrina Espírita não é proselitista, mas na ânsia de ajudar o mundo numa só existência terrena, muitas vezes, acabamos a misturar os princípios espíritas com outros mais em voga, diluindo os seus aspetos fundamentais. Linguagem e imagem simples não são sinónimos de conteúdos simples, diluídos ou facilitados. A forma simples não retira profundidade aos conceitos libertadores e de moral elevada trazidos pelo Mestre Jesus, no entanto, as histórias da vida comum que Ele nos trouxe, ainda hoje, mais de 2000 anos depois, levam-nos a indagações profundas e realmente transformadoras.

Como equilibrar o uso das ferramentas mediáticas atuais sem desviar do foco essencial da mensagem moral do Espiritismo?

Como responsáveis pela comunicação do espiritismo devemos, em primeiro lugar, ter em conta os objetivos da Doutrina Espírita na religação da humanidade com a sua condição espiritual e, por conseguinte, com Deus. Devemos, igualmente, ter a noção de que, com a globalização da ferramenta digital, a comunicação deixou de estar confinada apenas ao público da nossa casa espírita, da nossa cidade ou do nosso país. Hoje a comunicação é global, daí a necessidade constante do estudo da Doutrina Espírita, para que, à semelhança da convergência dos ensinamentos da espiritualidade superior espelhados na Codificação, a nossa mensagem deixe de ter um carácter vincadamente regional, para poder ser entendida e utilizada por todo o mundo ao mesmo tempo, estabelecendo, dessa forma, as bases para uma real unificação em torno do Ideal Espírita.

Em segundo lugar, é necessário ter conhecimento dos objetivos específicos de cada ferramenta e do pú-



**Os objetivos da Doutrina
Espírita na religação da
humanidade com a sua
condição
espiritual e, por
consequente,
com Deus**



**Criar conteúdos
que possam ser
multiculturais,
intergeracionais,
responsáveis,
conscientes
das diferenças de
cada um**



Preservando a fidelidade doutrinária e, ao mesmo tempo, respeitando a diversidade de contextos

blico específico a que cada uma se destina, com as suas especificidades próprias. Apenas dessa forma poderemos discernir se e em que momento, essa ferramenta deve ser utilizada. Para que esta situação se possa tornar uma realidade, é necessário um constante investimento de tempo e capacitação na utilização dessas ferramentas, o que reconhecemos é muito difícil de se concretizar. Neste sentido, a CSE, no seu objetivo de integração, promove o trabalho colaborativo, em que as diferentes casas espíritas ou instituições federativas, podem se entreatuar nessa qualificação ou mesmo colmatar as potenciais deficiências técnicas de uns e outros.

Quais os critérios que devem ser considerados na seleção de conteúdos que visam o consolo e o esclarecimento espiritual?

Os critérios da Coerência e da Utilidade são de capital importância. Coerência com os princípios espelhados na Codificação espírita e Utilidade não apenas para um grupo específico, mas para a humanidade.

Outra das funções principais da CSE é a Integradora. Como tem a CSE atuado no sentido de chegar aos diversos países e culturas?

A Área de Comunicação Social Espírita do CEI tem tentado pautar-se por princípios de partilha e universalidade, promovendo todos os conteúdos, tanto no site como nas diferentes redes sociais, pelo menos em três idiomas - Inglês, Português e Espanhol. A *Revue Spirite* (RS), que é o órgão oficial do CEI, por exemplo, ilustra bem o esforço conjunto dos muitos elementos de diferentes países que colaborativamente contribuem para levarem a todos esta publicação trimestral em sete idiomas, que incluem o Francês, o Italiano, o Alemão e também em Esperanto, disponível para todos no nosso website em <https://cei-spiritistcouncil.com>.

Que ações têm sido realizadas para fomentar o sentimento de unidade e de pertença entre as diversas instituições espíritas do CEI?

A ACSE criou, tem promovido e dinamizado o website como plataforma de divulgação institucional, espaço



A mensagem não deve chocar, agredir ou dividir, caso contrário estaria a ir contra os princípios de caridade – benevolência, indulgência e perdão

aberto também para a divulgação dos diferentes países, a criação dos canais YouTube (@tvcei), instagram (@cei_spiritistcouncil e @world_spiritist_youth), rede X (twitter), o canal whatsapp (CEI Network) e a criação de uma newsletter regular com todas as informações das atividades próprias do CEI e aquelas que os diferentes países nos fazem chegar.

De que forma a CSE lida com a diversidade de abordagens culturais e regionais, tendo em atenção a importância de preservar os fundamentos espíritas?

Mantendo a obra básica no centro das preocupações de divulgação e estudo e mantendo o foco nos conceitos que nos foram legados pela Espiritualidade Superior em torno da mensagem do Mestre Jesus. Dessa forma, as diferenças culturais esbatem-se.

A elevação de sentimentos que a Doutrina Espírita nos propõe não está sujeita a barreiras físicas nem a fronteiras materiais. Aliás, um entendimento básico da lei da reencarnação permite-nos compreender que o Espírito não tem nacionalidade, reencarnando indistintamente em qualquer cultura, país ou continente, de acordo com as suas necessidades evolutivas.

Como vê o papel do colaborador da Área de CSE?

Os trabalhadores das Áreas de Comunicação Social Espírita, tanto como os frequentadores das diferentes casas espíritas espalhadas por todo o globo, são, antes de mais, comunicadores da Doutrina Espírita, não só do que ela representa na sua vida, nos seus pensamentos, ações e palavras, mas também na forma como criam imagens, cartazes, posts, vídeos ou outros materiais de divulgação. Levar mais longe o conhecimento espírita, conscientes de que somos colaboradores da espiritualidade superior no trabalho de harmonização da humanidade com as Leis Divinas, leva-nos a criar conteúdos que possam ser multiculturais, intergeracionais, responsáveis, conscientes das diferenças de cada um, mas lembrando sempre que o objetivo maior é contribuir para a elevação do padrão moral da sociedade a nível global e não apenas daqueles que nos rodeiam na casa espírita, na nossa cidade ou no nosso país.

Com a maior facilidade de acesso aos meios tecnológicos, a interação e a proximidade entre os países foi favorecida?

Sim. A interação entre os movimentos espíritas dos diferentes países nunca



**Lembrando sempre
que o objetivo
maior é contribuir
para a elevação do
padrão
moral da sociedade**



**A elevação
de sentimentos que
a Doutrina Espírita
nos propõe não está
sujeita a barreiras
físicas nem a
fronteiras materiais**



A tecnologia deve ser vista como ferramenta, como meio, e não como fim: aquilo que dá visibilidade à mensagem, mas que não se pode sobrepor a ela

foi tão elevada como agora, desde a pandemia. Exemplo maior disso são as próprias Assembleias Gerais do CEI que anteriormente apenas se realizavam a cada três anos, por ocasião da realização dos congressos e hoje em dia acontecem via Zoom a cada seis meses, permitindo-nos discutir e aprender com os problemas e conquistas de cada país e, dessa forma, fortalecer a colaboração entre todos.

A realização do 10º Congresso Espírita Mundial, sob organização da USFF – França, em plena pandemia, totalmente em plataforma digital, em quatro idiomas diferentes teve a participação de responsáveis e frequentadores da maioria dos países.

Agora, a organização deste 11º Congresso Espírita Mundial, exigiu que a Comissão Executiva do CEI reunisse semanalmente com a FEU – Uruguai. Mas principalmente temos assistido por toda a parte à colaboração semanal de uns e outros, atravessando países, oceanos e continentes, trabalhando digitalmente na divulgação do Espiritismo.

Por último, a terceira função principal da CSE é a função mediática. Como tem a CSE acompanhado e aproveitado as transformações tecnológicas e as novas formas de comunicação, nomeadamente nas redes sociais?

O CEI em geral e a sua Área de CSE tem acompanhado de perto as transformações tecnológicas por meio de estudo e adaptação contínua aos novos meios de comunicação.

Reconhecemos que em muitas partes do globo ainda não é possível um acesso global aos meios digitais, por isso, mantém-se um contínuo esforço na edição do livro espírita como ponto basilar na divulgação. No entanto, principalmente após os anos de pandemia, verificamos que o público tem migrado, cada vez mais, para as plataformas digitais e consideramos ser responsabilidade de todos os participantes do Movimento Espírita não deixar que o conteúdo espírita fique fora desses meios. Nesse sentido, temos trabalhado de forma colaborativa com diferentes países, para criar uma rede de co-



Consolidar redes internacionais de colaboração, fortalecendo laços entre instituições e trabalhadores de diferentes países

municadores espíritas, facilitando a partilha de experiências, de conteúdos e de competências técnicas e comunicacionais, para que os laços de fraternidade que nos unem façam crescer projetos colaborativos de desenvolvimento e crescimento do Movimento Espírita a nível global.

Quais são os principais desafios enfrentados atualmente na produção de conteúdos espíritas de qualidade, num mundo de comunicação rápida e muitas vezes superficial?

Aquele que nos parece como o maior desafio da produção de conteúdos espíritas é a falta de objetivos bem definidos e, por outro lado, bem alinhados com a filosofia espírita. A desinformação, os falsos conteúdos e as chamadas “fake news”, mesmo em ambiente espírita, exigem da CSE uma constante atenção para que essas situações não proliferem. Há ainda a superficialidade e a pressa, que podem reduzir a profundidade da mensagem. É necessário que mesmo criando conteúdos breves eles possam transmitir os valores espirituais, sem perder profundidade. Por último, as diferenças socioculturais podem gerar ruídos na interpretação e também a polarização social, que nos desafia a manter uma comunicação pacificadora, ética e construtiva.

Falámos dos conteúdos. Existe também alguma preocupação quanto à estética e à linguagem visual dos conteúdos espíritas divulgados publicamente?

Sem nunca esquecer que deve, de forma clara e consoladora, promover a religação do Homem com a sua natureza eterna e espiritual, harmonizando-o com as Leis Divinas, ou seja, promover a construção do Homem de Bem, a ação comunicativa no Movimento Espírita deve fundamentar-se nos caracteres do bom, do belo e do útil

Bom, enquanto real, verdadeiro e ético. Sem misticismos que facilmente amarram o homem a ideias preconceituosas ou divisionistas. Reflexo do aprimoramento moral que deve nortear o espírito humano.

A belo enquanto harmónico. A imagem, o som, ou outros elementos de comunicação, em harmonia com o objetivo da mensagem, para que possam dar-lhe destaque, sensibilizando aquele que a vê para o seu conteúdo. A estética como elemento sensibilizador para o autoconhecimento, fortalecendo a lucidez moral do Homem.

A mensagem não deve chocar, agredir ou dividir, caso contrário estaria a ir contra os princípios de caridade – benevolência, indulgência e perdão.



**A ação
comunicativa
no Movimento
Espírita deve
fundamentar-se
nos caracteres do
bom, do belo e do
útil**



**Integração
não significa
uniformização
cultural, mas sim
unidade
de propósito**



Transmitir o Evangelho de forma clara, profunda e libertadora, sem ceder à tentação do sensacionalismo, da pressa ou da diluição de conceitos em outros mais em voga

Há iniciativas ou projetos que visem formar comunicadores espíritas mais preparados, tanto técnica como doutrinariamente?

Estamos a finalizar um plano de Encontros de Comunicação feitos com base no estudo idealizado pela ACSE-FEB (e para o qual a ACSE-CEI contribuiu em alguns dos seus módulos), adaptando-o às necessidades e problemáticas do Movimento Espírita Internacional. Pretendemos disponibilizá-lo em Português, Espanhol e Inglês. Um estudo com os fundamentos teóricos da Comunicação Social à luz dos princípios doutrinários espíritas, que fomente a participação de todos e que tem como objetivo final a criação dessa rede de comunicadores qualificados, não só no espeto técnico, mas principalmente a nível dos objetivos da divulgação espírita. O propósito mais abrangente é que, a nível mundial, em colaboração estreita uns com os outros, possamos trabalhar para levar o conhecimento e o consolo da Doutrina Espírita aos que mais sofrem.

Poderias partilhar connosco a tua visão sobre o futuro da Comunicação Social Espírita no contexto internacional, e quais consideras serem os passos mais importantes para fortalecê-la nas suas três funções – evangelizadora, integradora e mediática?

A minha visão para o futuro da Comunicação Social Espírita no contexto internacional é a de que ela deve consolidar-se como instrumento de evangelização, integração e expressão mediática equilibrada, sempre subordinada à essência do Espiritismo: a mensagem de Jesus, iluminada pela Codificação, liberta de tudo aquilo que a possa ligar a uma materialidade dos interesses de cultos ou de ideias sectaristas.

Na sua função evangelizadora, vejo como essencial que a comunicação espírita continue a transmitir o Evangelho de forma clara, profunda e libertadora, sem ceder à tentação do sensacionalismo, da pressa ou da diluição de conceitos em outros mais em voga. Devemos aprender a

comunicar com uma linguagem simples, mas não superficial, acessível, mas ao mesmo tempo fiel à riqueza dos conteúdos doutrinários. Isso exige estudo contínuo para não perdermos a coerência com os princípios espíritas que nos devem guiar na ação comunicativa.

No aspecto integrador, é fundamental o fortalecimento de uma rede mundial de comunicadores espíritas, numa dinâmica de partilha fraterna de experiências, conteúdos e competências. Uma rede que se inicia dentro de cada país, com a colaboração estreita entre as diferentes casas espíritas, para a divulgação da nossa mensagem Consoladora. Esta integração não significa uniformização cultural, mas sim unidade de propósito. O Espiritismo, pela sua universalidade, consegue dialogar com todas as culturas, e a comunicação deve ser o elo que nos ajuda a construir essa comunhão de pensamentos de que Kardec já falava, preservando a fidelidade doutrinária e, ao mesmo tempo, respeitando a diversidade de contextos.

Por fim, na sua função mediática, entendendo que o futuro passa por uma utilização consciente e estratégica das ferramentas digitais, sem esquecer os meios tradicionais como o livro espírita. A estética e a linguagem visual devem ser simples, belas e éticas, nunca subordinadas à lógica publicitária ou de mercado, mas sempre voltadas para tocar corações e convidar à reflexão. A tecnologia deve ser vista como ferramenta, como meio, e não como fim: aquilo que dá visibili-

dade à mensagem, mas que não se pode sobrepor a ela.

A Comunicação Social Espírita deve trabalhar para tornar comum a mensagem de Jesus e a ligação com Deus e as Suas Leis; fortalecer a sua coerência doutrinária, estabelecendo sempre a Codificação como referência basilar, para que a comunicação não a fragmente nem a dilua; investir na formação contínua de comunicadores espíritas preparados, técnica e doutrinariamente, criando espaços, físicos e virtuais, de estudo, partilha e qualificação; aprimorar o uso dos meios digitais em equilíbrio com os tradicionais, ampliando o alcance, mas sem perder profundidade e seriedade. Consolidar redes internacionais de colaboração, fortalecendo laços entre instituições e trabalhadores de diferentes países, para que essa comunhão de pensamentos nos fortaleça, rumo ao nosso aprimoramento moral, como nos deixa Kardec neste seu discurso, transcrito na *Revue Spirite* de dezembro de 1868:

"(...) pela comunhão de pensamentos os Homens se assistem entre si e, ao mesmo tempo, assistem os Espíritos e são por estes assistidos. As relações entre os mundos visível e invisível não são mais individuais, mas coletivas e, por isto mesmo, mais poderosas em proveito das massas e dos indivíduos. Numa palavra, estabelecem a solidariedade, que é a base da fraternidade. Cada qual trabalha para todos, e não apenas para si; e trabalhando para todos, cada um, aí encontra a sua parte."



**O Espiritismo, pela
sua universalidade,
consegue dialogar com
todas as culturas, e a
comunicação deve ser
o elo que nos ajuda a
construir essa comunhão
de pensamentos**

Notícias

O 11.º Congresso Espírita Mundial no Uruguai

Punta del Este, Maldonado – Nos dias 4 e 5 de outubro de 2025, o Centro de Convenções de Punta del Este acolheu o 11.º Congresso Espírita Mundial (CEM), um evento que representou uma oportunidade única para estreitar laços no Movimento Espírita, partilhar sentimentos e promover o crescimento espiritual. O evento contou com conferências, mesas-redondas, momentos culturais e, pela primeira vez, com o 1.º Congresso Espírita Mundial da Juventude, um espaço de reflexão sobre o papel de cada um na regeneração do mundo. Foram dias de profunda ligação com Jesus e com a Espiritualidade Superior. O CEI expressa a sua gratidão a todos os que, física e espiritualmente, tornaram esta experiência possível e inesquecível!













Notícias

02. Catálogo internacional de livros sobre mediunidade

O Conselho Espírita Internacional (CEI), através da sua Área de Estudo e Prática da Mediunidade, publicou o Catálogo de Livros sobre Mediunidade, uma obra de referência destinada a investigadores, trabalhadores espíritas e todos os interessados em aprofundar o estudo das faculdades mediúnicas.

O catálogo resulta de um trabalho colaborativo de tradutores e trabalhadores espíritas de diversos países, reunindo títulos em 13 idiomas, entre eles Português, Inglês, Espanhol, Francês, Italiano, Alemão e Russo.

A iniciativa visa facilitar o acesso às principais obras sobre mediunidade e promover a difusão do conhecimento espírita em diferentes culturas e contextos linguísticos.

O documento está disponível gratuitamente em: [Catálogo de Livros sobre Mediunidade - CEI \(2025\)](https://cei-spiritistcouncil.com/congressos-espíritas-mundiais-cem/)

03. Acervo com informações dos Congressos Espíritas Mundiais

A Área de Comunicação Social Espírita do Conselho Espírita Internacional (CEI) criou, no site oficial da instituição, um acervo especial dedicado aos Congressos Espíritas Mundiais (CEMs).

O espaço reúne, inicialmente, informações básicas sobre as 11 edições já realizadas, desde o 1.º Congresso Espírita Mundial, ocorrido em 1995, em Brasília (Brasil). O êxito desse primeiro encontro estabeleceu o modelo para os congressos seguintes, realizados a cada três anos em diferentes países.

O objetivo do acervo é preservar a memória desses eventos e facilitar o acesso ao seu conteúdo histórico. O material será atualizado gradualmente, com a inclusão de documentos, imagens, vídeos e outros registos à medida que forem reunidos.

Com esta iniciativa, o CEI reforça o seu compromisso com a divulgação e valorização da história do Espiritismo a nível mundial.

O acervo encontra-se disponível no site oficial do CEI, através do seguinte link: <https://cei-spiritistcouncil.com/congressos-espíritas-mundiais-cem/>



02



03

11º CEM | Congresso Espírita Mundial | URUGUAI 2025

10º CONGRESSO ESPÍRITA MUNDIAL | PARIS – FRANÇA 2022

9º Congresso Espírita Mundial | MÉXICO

8º Congresso Espírita Mundial | LISBOA – PORTUGAL 2016

7º Congresso Espírita Mundial | HAVANA – CUBA 2013

6º Congresso Espírita Mundial | VALÊNCIA – ESPANHA 2010

5º Congresso Espírita Mundial | CARTAGENA – COLÔMBIA 2007

4º Congresso Espírita Mundial | PARIS – FRANÇA 2004

3º Congresso Espírita Mundial | CIDADE DE GUATEMALA – GUATEMALA 2001

2º Congresso Espírita Mundial | LISBOA – PORTUGAL 1998

1º Congresso Espírita Mundial | BRASÍLIA – BRASIL 1995



Download QR

04. Juventude Espírita Mundial reúne-se em mais um encontro de estudos

No domingo, 27 de julho, realizou-se mais um encontro do Grupo de Estudos da Juventude Espírita Mundial 2025, promovido pelo Conselho Espírita Internacional (CEI).

O encontro contou com a participação de jovens de várias partes do mundo, que compartilharam importantes ensinamentos do Espiritismo. O tema “Quais são os meus talentos?” proporcionou momentos muito ricos de reflexão e de intercâmbio entre a juventude mundial.

Inspiradas em mensagens de Jesus, Allan Kardec, Emmanuel, Léon Denis, entre outros, as dinâmicas e actividades favoreceram reflexões valiosas sobre os talentos que se desenvolvem ao longo da caminhada espiritual, bem como o convite a dedicá-los à promoção do bem e à construção da paz. As experiências e contributos dos participantes de diferentes países reforçaram os laços de amizade e de união fraterna.

O CEI agradece a presença dos novos jovens e daqueles que continuam a acompanhar os encontros semanais, realizados todos os domingos em diferentes idiomas, fortalecendo a unificação do Movimento Espírita em todo o mundo.

O próximo encontro terá lugar no dia 31 de agosto (último domingo do mês), com o tema: “Qual é o meu papel na regeneração da Terra?”

Inscrições disponíveis em: https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSciV5KoqqhBpDI-JWKTwooXLZpKSzvfz_5gjGsuPBXvvKuxQ/viewform

Junte-se a nós! Abraço e até lá!

05. Conversa online sobre a Assistência e Promoção Social Espírita

No dia 10 de agosto de 2025, a Área de Assistência e Promoção Social Espírita do Conselho Espírita Internacional (CEI) realizou uma conversa online em direto com o tema:

“A importância do trabalho da Área de Assistência e Promoção Social Espírita”.

O encontro contou com a participação de Jussara Korngold, Secretária-Geral do CEI, Vice-Presidente da Federação Espírita dos Estados Unidos (United States Spiritist Federation) e Diretora Executiva da Federação Espírita TriState, sendo moderado por Wendy Castañón, Coordenadora da Área de Assistência e Promoção Social Espírita do CEI.

A iniciativa reforçou a missão do CEI de estimular a cooperação e a partilha de experiências entre trabalhadores espíritas de diferentes países, fortalecendo a união em torno dos ideais de fraternidade e serviço ao próximo.



04

youtube.com/@tvcei
TV CEI International Spiritist Council

Domingo 10 AGO 2025
En Español
11:00 NY | 12:00 BR | 16:00 LIS | 17:00 CET
09:00 - 10:00am
Centroamérica

La importancia del trabajo del área de asistencia y promoción social Espírita

Jussara Korngold Wendy Castañón

Charles On the go live

CEI

05

06. Lives “Diálogos sobre Mediunidade” sobre ética e responsabilidade

Durante o mês de agosto de 2025, a Área de Estudo e Prática da Mediunidade do Conselho Espírita Internacional (CEI) realizou duas lives “Diálogos sobre Mediunidade”, dedicadas ao tema “Ética e Responsabilidade na Mediunidade”.

O primeiro encontro ocorreu em inglês, no domingo, 24 de agosto, em formato de mesa redonda, contando com a participação de João Korngold (Spiritist Group of New York, EUA), Stevan Bertozzo (Irish Spiritist Federation, Irlanda) e Thiago Keller (Allan Kardec Vancouver Society, Canadá), com moderação de Dan Assisi (California Spiritist Association, EUA).

A segunda sessão em espanhol, com transmissão em mesa redonda, reunindo Jorge Camargo e Patricia Rodriguez (Consejo Espírita de México, México) e Carlos Campetti (Federação Espírita Brasileira, Brasil), sob moderação de Walter Velásquez (Asociación Salvadoreña de Escuelas Espíritas, El Salvador).

Ambos os encontros proporcionaram um espaço de debate, reflexão e intercâmbio internacional sobre a prática mediúnica, abordando os



05

princípios éticos e a responsabilidade dos médiuns no desenvolvimento das suas faculdades espirituais.

Estas iniciativas reforçaram o compromisso do CEI com a divulgação de estudos e práticas mediúnicas de forma ética e consciente, promovendo a união e a cooperação entre trabalhadores espíritas de diferentes países e culturas.

Nota

A equipa da *Revue Spirite* convida todos os interessados a enviarem textos inéditos para análise e possível publicação.

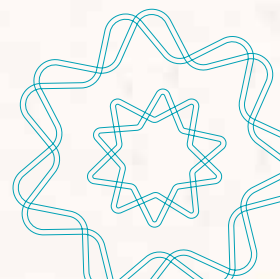
Os textos devem ser originais e não ter sido previamente publicados em qualquer formato. A equipa editorial apreciará cuidadosamente todas as submissões recebidas. Envie seu material para o e-mail: **revuespirite@cei-spiritistcouncil.com**

Participe e contribua para a continuidade das reflexões e estudo do Espiritismo!

CEI

COMISSÃO EXECUTIVA DO CEI
TRIÊNIO DE 2023 - 2025

Conselho Espírita Internacional





Social Media

Facebook

Instagram

Youtube

Online

<https://cei-spiritistcouncil.com>

revuespirite@cei-spiritistcouncil.com

